



O PAI TÁ ON:

Crônicas de um Brasil que salvou sua República

Gilberto de Oliveira

Gilberto de Oliveira

O pai tá on:
Crônicas de um Brasil que salvou
sua República

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Avenida Fued José Sebba, nº 1184, Jd. Goiás
CEP: 74805-100
Goiânia - Goiás

Gilberto de Oliveira

O pai tá on:
Crônicas de um Brasil que salvou
sua República

Goiânia, GO - 2022

De Oliveira, Gilberto

O pai tá on: Crônicas de um Brasil que salvou sua República

Goiânia- Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Go
2022-11-21

279 páginas

1. Retrospecto do governo de Jair Bolsonaro
2. As eleições gerais de 2022
3. Jornalismo político
4. Jornalismo opinativo
5. Crônicas

Livro-reportagem desenvolvido como projeto experimental
para conclusão do curso de jornalismo da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás (PUC-Go)

Orientadora: Profa. Ms. Maria Carolina Giliolli Goos

Projeto gráfico, editoração eletrônica e capa: Gilberto de
Oliveira

Dedicatória

Aos meus professores de história, filosofia e sociologia do colegial, que me ensinaram desde a adolescência sobre as mazelas do autoritarismo;
Aos meus professores acadêmicos, que contribuíram em minha formação e evidenciaram o relevante papel do jornalismo e seu caráter fundamental no exercício da democracia;

Aos meus pais, que me ensinaram valores de honestidade, benevolência e dedicação;

Aos amigos de graduação, em especial a Almeida Mariano, Beatriz Mendes, Máisa Martins, Sabrina Alves, Victoria Lacerda, Kayo César e Yorrana Maia, que deram suporte quando necessário, esclarecimentos quando solicitado e momentos divertidos e prazerosos que ressaltaram o lado humano do jornalismo e a importância de se conservar as amizades;

A minha amiga, orientadora e professora, mestre Maria Carolina Giliolli Goos, que me ensinou sobre autonomia, ética, perseverança, disciplina e a importância de se trabalhar com prazer e motivação;

E, sobretudo, as pessoas que lutam pela democracia.
Único caminho viável para a equidade social,
respeito, tolerância e dignidade humana.

Prefácio

Nosso pior fantasma

Não é fácil compreender as condições que levaram Jair Messias Bolsonaro a se eleger 38º Presidente da República. Primeiro, deve-se admitir que sua eleição foi um soco no estômago de muita gente. Esses, subestimaram a força da massa bolsonarista e desacreditaram, até o último segundo, que sua vitória seria possível. Por vezes se questionaram, desde então, sobre a eficácia da democracia, especialmente em um país estruturalmente pobre na educação básica, e aqui inclui educação cívica. A máxima de que o povo que desconhece sua história está fadado a repeti-la é unânime entre historiadores – pelo menos entre os vários professores de história que tive ao longo de minha formação - e nenhum exemplo é tão claro

no que diz respeito a assertividade dessa máxima quanto o Brasil de Jair Bolsonaro.

Foram noites sem sono. Tentar compreender o governo de Bolsonaro é, ao mesmo tempo, confuso, irritante e desestimulante. Não desisti, porém, de procurar maneiras de traduzir essa sensação de estar num trem descarrilhado e sem maquinista.

Bolsonaro nunca escondeu seu desprezo pelas regras do jogo e isso ficou evidente quando se apresentou como um político *outsider*. Ele era, na verdade, o lobo disfarçado de cordeiro, a caminho do galinheiro para encher a barriga - ou correr para o exército comer umas colheradas de leite condensado.

Não é preciso ser expert em ciência política, para perceber que o centrão - grupo de partidos de centro e direita, maioria no congresso - são a alma e

o coração que garantem a vitalidade de um presidente, quando este encontra-se a beira de um colapso enquanto governante. Basta um olhar atento ao jogo político para perceber essa realidade.

Apesar de polêmico e mais antiético do que admitimos, entender o jogo político do centrão não é lá tarefa muito árdua de se fazer. São políticos que, embora de maioria centro-direitista, não possuem uma ideologia de atuação bem definida. Afinal, o bloco joga de acordo com os interesses. No ditado popular: é um peixe que nada a favor da maré.

Seu foco é a obtenção de cargos, que refletem em emendas e, portanto, mais dinheiro para os caixas dos partidos políticos – e seus respectivos cacifes e associados de alto escalão. É um movimento político que há de se concordar com Bolsonaro, quando ele dizia, ainda em 2018, que governar com o centrão “*tem tudo para dar errado*”.

Essa talvez tenha sido a maior assertividade de Bolsonaro durante a corrida presidencial daquele ano. Foi uma jogada de mestre, um marketing muito bem estruturado. É preciso lembrar que o pleito de 2018 foi muito singular em vários aspectos.

Primeiro, o Brasil havia passado há menos de dois anos por seu segundo processo de impeachment. Depois, um vice que se tornou presidente e foi rejeitado por 82% da população, segundo pesquisa Datafolha de junho de 2018. Lula, o político mais popular do mundo, como posto pelo ex-presidente norte-americano Barack Obama, estava na cadeia, e mesmo se tivesse em liberdade, seria difícil imaginar o PT, afundado em crises internas e na opinião pública, triunfar contra uma maré de ódio contra a corrupção, que se iniciou ainda no governo Lula com o mensalão, e se agravou com o petrolão, no governo de Dilma.

Bolsonaro estava indo de vento em popa. Ele era o político certo, na hora certa, com o discurso certo – pelo menos foi o que os conservadores, e os saturados de governo PT enxergaram e ouviram. A campanha de Bolsonaro para se eleger pode ser repartida em três alas muito específicas.

Primeiro - O plano armamentista. Uma ilusão brasileira em achar que os problemas da segurança pública seriam resolvidos a partir de cidadãos armados, e um desejo nato dos brasileiros de se inspirarem na liberdade americana, mesmo com as várias provas da letalidade de inocentes dessa política;

Segundo - A defesa da família e dos valores cristãos. Leia-se, pautas reacionárias e claros ataques a liberdade de existir, em propostas como a chamada “cura gay”, protocolado pelo então deputado federal João Campos, do republicanos

(que também é pastor evangélico), o fim do aborto em qualquer circunstâncias, inclusive estupro ou risco de vida para gestante e bebê, fruto de uma concepção cristã de que a vida se dá a partir do momento da fecundação e formação do zigoto. Além de outras pautas que são de cair o queixo.

E terceiro - O combate intensivo à corrupção, que seria extirpada durante seu governo. Um feito impossível até nas melhores democracias do mundo.

A primeira nem tanto, mas as duas outras alas fizeram de Bolsonaro uma máquina de mobilização. A cada pesquisa o capitão crescia em número de eleitores e seus apoiadores na rua aumentavam. Seu discurso era único, embora populista como de vários outros. Bolsonaro foi um *outsider* a partir do momento que disse que preferia sair a ter que governar com o centrão, isto é, no

toma lá dá cá, na troca de favores, na política de interesses. Ele se apresentava diferente. O sociólogo Howard Becker, em *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*, coloca que outsiders é “aquele que se desvia das regras do grupo” e nesse sentido, Bolsonaro se apresentou como um outsider.

Depois de eleito, não demorou para que o mandatário logo entregasse cargos e pastas estratégicas para políticos do centrão. Em 22 de julho de 2021, durante uma de suas famosas *lives* de quinta-feira – mais a frente irei discorrer sobre esse assunto, Bolsonaro afirmou “*Eu sou do centrão*”. Neste ponto, o presidente já havia perdido parte considerável de seus apoiadores. Afinal, ele não conseguiu gerir o país como se esperava. As privatizações – uma das promessas da campanha eleitoral, não aconteceram. O dólar, bem como derivados do petróleo, subiu de preço. E uma pandemia que afetou toda a economia mundial.

Sem saída, Bolsonaro só tinha uma escolha possível: ser refém do centrão.

Ele foi, além de tudo, um presidente inerte, assim como seu histórico parlamentar. Para alguns, o único saldo positivo do governo Bolsonaro foi o fim do horário de verão, sancionado pelo presidente em 25 de abril de 2019. O mandatário foi incoerente pois de *outsider* não tinha nada, nem cara e nem andado. Se aproveitou de uma população fragilizada e rancorosa e teve seus cinco minutos de fama. Mas, enquanto presidente, Bolsonaro não se atentou ou não quis se atentar, que gerir uma nação não é como apresentar um *reality show*.

Semanalmente o presidente se encontrava com apoiadores mais fiés no famoso cercadinho do Palácio da Alvorada e ali contava piadas chulas, de cunho sexista ou homofóbico, atacava opositores sem nenhum respeito ou bom senso, quando não se

ocupava em criticar gratuitamente e desnecessariamente nações amigas, como a China.

O candidato que se apresentou como a única solução para o Brasil foi, e ainda é, o político que menos contribuiu para o avanço social do país. Além das questões econômicas, que falharam miseravelmente, Bolsonaro colocou o país no pior cenário externo possível para uma nação, além do respeito que perdeu entre a comunidade internacional. Ainda em 2020, precisamente no dia 2 de março, quando o diretor da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanon, condenou o uso de hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19. A droga, utilizada no tratamento de lúpus, malária e outras doenças, teve a ineficácia comprovada contra a Covid-19 através de estudos científicos. Morte súbita, arritmia cardíaca e overdose medicamentosa foram efeitos colaterais constatados em pesquisas publicadas no *New*

England Journal of Medicine. Assim que a posição da OMS foi divulgada, governos de todas as partes do mundo suspenderam o uso da droga para tratar a doença. O Brasil, porém, investiria na medicação de maneira intensa e singular. Segundo levantamento da BBC News Brasil, utilizando informações públicas, indicaram que o montante gasto na compra e produção do “tratamento precoce” somaram R\$ 89.597.958,50. Até hoje é possível encontrar pessoas que acreditam (e fazem uso) das substâncias (Hidroxicloroquina ou Ivermectina), refletindo o peso da propaganda governamental. Defender a cloroquina, na 76ª Assembleia Geral da ONU, em 2021, foi um dos momentos mais vexatórios do Brasil perante o mundo.

Como pode o presidente de uma nação negar a realidade e a ciência? O site do jornal britânico The Guardian publicou que Bolsonaro era uma figura “*controversa*”. O periódico criticou, ainda, o

posicionamento do Brasil em não exigir um comprovante vacinal. Em 22 de outubro de 2020, quase um ano antes da Assembleia Geral, o então ministro das relações exteriores, Ernesto Araújo, ao discursar para uma turma de novos diplomatas, disse: “*Sim, o Brasil hoje fala de liberdade através do mundo. Se isso faz de nós um pária internacional, então que sejamos esse pária*”. Resultado: na cúpula do G20 (As 20 maiores economias do mundo), realizada em outubro de 2021, Bolsonaro foi um político isolado, sem compromissos oficiais – a exceção de seu encontro com o presidente Italiano, Sergio Mattarella, que provavelmente o recebeu unicamente pelos protocolos, já que a reunião foi na Itália e portanto, ele era o anfitrião do evento.

Como se o desastre econômico e dos retrocessos sociais e estruturais do Brasil não bastassem, em 7 de setembro de 2021, Bolsonaro deu mais motivos para incertezas e fuga de investidores.

O Brasil não é um país patriota como os Estados Unidos. É fundamental ter em mente que o processo de Independência brasileira foi motivado pelo interesse de uma sociedade elitista e nobre. Em linhas gerais não são todos que conhecem, por completo, o hino nacional brasileiro ou o hino da bandeira – confesso que, até aqui, eu também não conhecia inteiramente o segundo.

Não raramente, é possível sair na rua e encontrar alguém que sequer sabe a data de Independência do Brasil – muitos confundem com a Proclamação da República. Bolsonaro se apropriou dessa fragilidade e construiu, no imaginário de seus apoiadores, um líder que luta contra a tirania do sistema e pelo povo. Quando se viu, porém, ameaçado, Bolsonaro tratou de eleger um novo inimigo. Em 6 de setembro de 2021, o portal do El País Brasil publicou a pesquisa Atlas que revelou uma rejeição de 64% em relação ao governo

Bolsonaro. Inflado por seus confidentes, o mandatário achou que o 7 de setembro, data histórica devido a independência, seria uma ótima oportunidade para inflar a popularidade entre seus apoiadores. Mais uma vez, o mandatário desmoralizou a lógica e a verdade para arrancar aplausos do vulgo.

A diferença, aqui, foi o alvo. Ao escolher uma instituição e não um simples opositor, Bolsonaro cruzou um limite e trouxe de volta nosso pior fantasma.

Naquela tarde, o presidente afrontou as urnas eletrônicas, o Supremo Tribunal Federal, Tribunal Superior Eleitoral e a democracia. Sem pensar nas consequências, Bolsonaro duvidou de sua própria eleição ao questionar a segurança e confiabilidade das urnas eletrônicas. Vale ressaltar, nesse ponto, que o processo eleitoral brasileiro é um dos nossos

destaques, sendo estudado por democracias no mundo todo. Naquele dia, porém, Bolsonaro levantou questões descabíveis e, numa ameaça direta ao ministro Alexandre de Moraes, estimulou parte da população a acreditar em teorias conspiratórias. Para se ter ideia, Bolsonaro duvidou do próprio processo que o elevou ao status de presidente da República.

Naquela tarde, o discurso dele foi este:

“Não podemos admitir que uma pessoa na Praça dos Três Poderes queira fazer valer a sua vontade. Querer inventar inquéritos. Querer suprimir a liberdade de expressão. Não podemos mais admitir que pessoas que agem dessa maneira continuem no poder, exercendo cargos importantes. Temos um ministro do Supremo que ousa continuar fazendo aquilo que nós não admitimos. Ou esse ministro se enquadra ou ele pede para sair. Quero dizer a esse indivíduo que ele

tem tempo, ainda, para se redimir. Tem tempo, ainda, para arquivar seus inquéritos. Ou melhor, acabou o tempo dele. Sai, Alexandre de Moraes. Deixa de ser canalha. Qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou. Não podemos admitir um sistema eleitoral que não oferece qualquer segurança. Não é uma pessoa do Tribunal Superior Eleitoral que vai nos dizer que esse processo é seguro e confiável. Não vamos mais admitir que pessoas como Alexandre de Moraes continue a açoiar a nossa democracia e desrespeitar a nossa Constituição. E dizer aqueles que querem me tornar inelegível em Brasília, só Deus me tira de lá. Dizer aos canalhas que nunca serei preso. ”

A priori, parece ser algo sem relevância, afinal a vida política de Bolsonaro foi marcada pela falta de decoro e falas grosseiras, ou ainda que passado algum tempo, seria esquecido. Neste caso,

entretanto, nenhuma das opções foram válidas e o presidente trouxe de volta o temor de um país onde a democracia não é respeitada.

Sumário

26	PARTE I
27	Capítulo I
47	Capítulo II
58	Capítulo III
86	Capítulo IV
106	Capítulo V
124	Capítulo VI
151	PARTE II
152	Capítulo VII
169	Capítulo VIII
181	Capítulo IX
190	Capítulo X
217	Capítulo XI
232	Capítulo XII
252	Capítulo XIII
267	Capítulo XI

PARTE I

O PIOR MOMENTO DESDE A REDEMOCRATIZAÇÃO

Um governo de mentiras

O evangelho na política e suas implicações

Teologia como manipulação eleitoral: o perfil
de um cristão

Economia em Crise: a volta da fome

Os fiéis protetores

A política de morte

CAPÍTULO I

Um sujeito que mente

Por muito tempo foi complicado definir a maneira ideal de lidar com Jair Bolsonaro. De um lado havia suas conversas fiadas, seu discurso populista e, ocasionalmente – muito mais do que esperávamos, ou queríamos - inflamado e carregado de violências e incitação ao ódio.

Do outro lado, tem se o fato que ele é presidente da República e, portanto, o representante máximo do Brasil; é preciso noticiar sobre sua figura, sua rotina. Ele é uma autoridade. O problema, porém, é que Bolsonaro não tem um perfil sério, de gestor. Ele é uma autoridade vil, que diz aos quatro ventos, por exemplo, que não nasceu para ser presidente, ou que sua vida a frente do executivo é um “*inferno*”; É insensato e irresponsável quando insinua, por exemplo, que

vacinas transmitem HIV ou são capazes de transformar os vacinados em “chipanz... *Em jacarés*”. E é imprudente, quando corta, por exemplo, milhões da educação para custear seus projetos populistas que, embora sejam essenciais, para Bolsonaro, não passam de manobras eleitoreiras.

Enfrentou-se, a partir daí, um dilema. Como reverberar um presidente que mente e mascara dados, que critica e calunia a imprensa e é grosseiro com qualquer um que aponte as incoerências de seu discurso (e governo) e vira as costas quando é questionado por alguém?

Alguns exemplos dessas barbaridades, inclusive, proferidas aos jornalistas. Como por exemplo, dizer que a jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de S.Paulo, que ela queria dar um furo jornalístico – jargão para uma informação nova

divulgada em primeira mão- a qualquer custo e que ela deveria “*dar o furo*”, num comentário pejorativo, sexista e machista, numa clara agressão à liberdade de imprensa. Ou, ainda, utilizar medidas da agropecuária como a arroba, usada para medir o peso de bois, para insinuar o sobrepeso de um homem negro. O que não faltam, são exemplos.

Por muito tempo reverberou o dia a dia como ele, de fato, era. Estampado diariamente nos jornais e revistas para vergonha de uns e, por mais bizarro que seja, orgulho de outros. Esse momento evidencia o que Buarque de Holanda já havia estudado e explanado, quando publicou *Raízes do Brasil*. O brasileiro é, de fato, um monstro para seus conterrâneos; sua educação e “gingado” são apenas uma máscara que se coloca diante dos “gringos”. O brasileiro, e aqui ressalto, não todos, mas uma parcela expressiva que ganhou visibilidade depois de 2018, gosta da violência. E não adianta discordar

desse fato; afinal, o que justifica a regulamentação de armas de fogo para civis? Pois o argumento de que os revólveres e pistolas iriam garantir a segurança e bem-estar dos cidadãos é absurda e infundada. A garantia da segurança pública é dever do Estado; a tentativa de terceirizar essa segurança, através da liberação de armamento de fogo, só aumentaria ainda mais a violência. O bolsonarismo “raiz” é, por essência, violento.

São violentos quando querem se armar, quando pedem a volta dos militares e do Ato Institucional nº 5, mais duro da ditadura, que viabilizou o fechamento do congresso e cassação de mandatos, bem como legitimou a tortura e seqüestro de direitos e garantias civis. São violentos quando aplaudem o discurso homofóbico e misógino de Bolsonaro e, ainda por cima, gritam e elevam o mandatário ao status de “mito” da nação. São violentos quando eles próprios se legitimam do

discurso golpista do mandatário e ameaçam a segurança de uma eleição prevista na lei. Violentos quando eles próprios, legitimados pelo discurso de Bolsonaro, ameaçam ministros e seus familiares, ou ainda quem se opõe a eles. Afinal, quais as circunstâncias da morte de Vinicius Hayden Witeze, ex-assessor do deputado bolsonarista Gabriel Monteiro, do Partido Livre (PL) – mesmo partido de Bolsonaro? Se faz necessário lembrar que Monteiro teve o pedido de cassação de mandato após denúncias de assédio sexual e moral e também por gravar cenas de sexo com uma jovem menor de idade. Vinicius havia prestado depoimento contra Monteiro e, na noite anterior ao fato, o assessor solicitou proteção especial por ameaças de morte.

Outro fato foi o agravamento da pandemia, ainda em 2020, e as declarações começaram a ficar mais absurdas. A partir daí os veículos passaram a usar um verbo mais adequado para definir os

pronunciamentos do presidente. Mentir. Bolsonaro é um sujeito que mente. O verbo é esse e não adianta fugir dessa realidade, ou tentar contornar. Até quando diz que a mídia é exagerada, ou se defende argumentando que não proferiu nada do que estavam comentando, o presidente está mentindo.

Bolsonaro não foi o primeiro, porém, a ser qualificado como mentiroso. Em 5 de novembro de 2020, durante um pronunciamento oficial para falar das eleições, Donald Trump foi interrompido por algumas emissoras americanas que anunciaram o interrompimento do pronunciamento, pois o presidente estava, claramente, dizendo inverdades. “*Lie after lying, after lying*” (mentira atrás de mentira, atrás de mentira...) disse um repórter da CNN.

A partir da coragem imposta pelos veículos norte-americanos, e levando-se em consideração o iminente caos que se instaurava na saúde pública brasileira, alguns jornais brasileiros começaram a usar o verbo corretamente. Bolsonaro está mentindo.

O site jornalístico independente de verificação de fatos, Aos Fatos, criado em 2015, com reconhecimento e prêmios internacionais por suas pesquisas, trabalha sistematicamente no monitoramento mensal que possui das declarações de Jair Bolsonaro.

Os dados reúnem as falas e posicionamentos desde que Bolsonaro assumiu a presidência em janeiro de 2019. O mandatário acumulou, até abril de 2022, mais de 5 mil e 300 declarações mentirosas ou fora de contexto.

No primeiro ano de governo foram 606 informações inverídicas; uma média de 50 por mês. No segundo ano de governo o percentual subiu mais de 260%, totalizando 1.591 declarações falsas. É curioso observar o aumento expressivo das desinformações a partir de março de 2020 – o primeiro óbito por Covid-19 em território nacional foi em 12 de março.

De março a dezembro as mentiras aumentaram para um média de 149 declarações falsas por mês, em vista da média de 54 por mês no mesmo período no primeiro ano de mandato. Então, é inegável que a pandemia aumentou o quantitativo de mentiras espalhadas pelo Palácio do Planalto.

É fato que políticos mentem em algum momento de sua trajetória e por seus interesses políticos. Não critico, nesse ponto, somente os

governos de extrema direita. Existe mentiras dentro da esquerda. Mas também há de se concordar que não existe naturalidade alguma em um governo onde se calcula a média mensal de mentiras divulgadas pelo presidente da nação; e que este número é superior a uma mentira diária. Nem Lula, o maior adversário de Bolsonaro, mentiu tanto. Em compensação, uma mentira de Lula ainda custa caro para o petista. Em agosto de 2019, Lula deu uma entrevista à BBC Brasil, onde declarou seu orgulho em ter feito a usina de Belo Monte. Um trabalho, que segundo ele, nem a ditadura conseguiu realizar. Porém, Lula não pode ser ingênuo o bastante de tentar vender somente os (poucos) pontos positivos desse “*crime contra a humanidade*”, como é dito pelos povos do Xingu.

Para um democrata, Lula deveria ter se preocupado melhor com as milhões de famílias que seriam deslocadas forçadamente. Segundo o dossiê

da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), de 2017, o que ocorreu, na prática, foram violações de direitos humanos. Desde o não cadastramento de algumas famílias até o fogo ateado em casas ainda com pertences de seus moradores são alguns exemplos relatados no documento. Fora todo o ecossistema que se perdeu e as comunidades indígenas que foram afetadas de maneira ainda incompreendida por nós, que vivemos na cidade.

Mas seguindo a lógica dessa conta perversa, em comparação ao primeiro ano de governo, o terceiro ano de Bolsonaro na presidência – momento mais crítico da pandemia no Brasil – houve um aumento de 415% nas notícias falsas ou distorcidas proferidas pelo chefe do executivo.

2021 totalizou duas mil e 500 declarações incorretas; uma média de 209 por mês, quase sete

por dia. O período com maior registro foi julho de 2021, com 305 declarações. No mesmo mês, o consórcio dos veículos de imprensa – que recolhiam os números oficiais junto às Secretarias de Saúde-, registrou mais de 33 mil 660 mortes em decorrência da Covid-19. Abordarei a crise sanitária mais adiante.

Mas afinal, onde as mentiras de Bolsonaro estão presentes? Algumas são mais sorrateiras, divulgadas para grupos específicos em disparos pelas diferentes plataformas de integração digital, como as mentiras que colocam o Supremo Tribunal Federal como uma “seita comunista” que pretende fechar as igrejas evangélicas. Outras são mais gritadas, menos sutis. Gosto de citar como exemplo o discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU, em setembro de 2020. Há época, escrevi um artigo onde expunha a tentativa falha de Bolsonaro de justificar a crise do meio ambiente e a destruição

da floresta amazônica. Sobre a gestão do ministro Ricardo Sales, a Amazônia e o Pantanal foram vítimas do plano direitista de passar a boiada, liberar geral para os garimpeiros, caçadores e pecuaristas. Bolsonaro tentou descredibilizar fotos da agência espacial americana, NASA, argumentando que a floresta era úmida e, portanto, não pegava fogo. Além de tentar responsabilizar os povos originários, dizendo que “*os poucos focos*” eram causados pelos “*indígenas*” que queimavam as plantações como técnica agropecuária, uma falácia. Afinal, nas palavras da líder Sônia Guajajara, em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, “*estamos colocando nossos corpos e nossas vidas à serviço da preservação de nossos territórios*”. Ou, ainda, nas palavras do líder da etnia Huni Kuin, “*A natureza está chorando e estamos chorando*”. Logo, a fala do presidente não tem sentido, já que os povos originários dizem o

contrário e a tristeza em seus olhos, ao ver a floresta arder em chamas, é perceptível.

Bolsonaro mente descaradamente em níveis nacionais, na verdade, desde 2018, quando prometeu coisas impossíveis de se realizar. E vou além, sua vida política é quase uma mentira. Desde seu discurso tentando vender uma "*revolução militar*", ao invés de uma ditadura, escondendo mortes e torturas, até tentar vender uma imagem de político honesto que luta pelo povo, enquanto soma míseros dois projetos aprovados em plenário, em mais de 20 anos de mandato enquanto deputado federal. Na última eleição presidencial (2018) era comum encontrar panfletos e santinhos, enquanto Bolsonaro era tratado por alguns como uma figura irrelevante, incapaz de chegar sequer ao segundo turno, dizendo que Jair era o único capaz de manter o gás de cozinha a no máximo 80 reais e reduzir a cotação do dólar a R\$2,50.

A pandemia realmente abalou o mercado financeiro global, entretanto, Bolsonaro mentiu quando propôs um modelo de governo que nem ele permitiria ser implantado. Imagino como deve ser difícil para o ministro Paulo Guedes, à frente da economia, ser desautorizado, a todo instante, pelo presidente, além de se sujeitar às entrevistas mesquinhas com os discursos de sempre. Guedes é um ministro resistente, pois se sustentou até o fim do primeiro mandato de Jair e resiliente porque hora diz que vai privatizar tudo, mas algumas horas depois - por ordem do chefe - diz o contrário.

O ministro, apesar da fama e do efeito puxa voto entre a sociedade, nunca foi muito expressivo no governo. Outras figuras, como Onyx Lorenzoni, Ricardo Salles ou Ciro Nogueira, por exemplo, são exemplos de ministros que apresentaram um protagonismo maior que o de Guedes. Quando Bolsonaro entregou a Casa Civil ao centrão,

nomeando Ciro Nogueira do PP para o cargo, quem passou a controlar a economia brasileira foi o grupo, não mais o ministro Guedes. A metáfora do avião decolando já está batida, e o Brasil mergulhado ainda mais no caos, afinal, os intuitos do centrão são puramente eleitorais.

É curioso observar que esse contexto se deve em larga escala devido ao leilão que Bolsonaro se viu obrigado a fazer, para manter seu governo. Lembro, ainda em 2018, quando ele propôs “acabar com os privilégios do centrão”. Era uma propaganda rápida, de poucos segundos, mas que dizia claramente: o sistema como funcionava tinha tudo para dar errado, vamos quebrá-lo. Os ministérios, que prometeu reduzir, aumentaram. O bloco do centrão ganhou um controle sem precedentes desde a redemocratização, com cargos importantes e estratégicos e uma parcela

rechonchuda do orçamento. Com Bolsonaro no poder, o centrão ampliou seus confortos políticos.

O capitão, a fim de consolidar seus projetos de poder, viu uma oportunidade. Tratou de apoiar a candidatura de Artur Lira, do Progressistas, para a presidência da Câmara. Lira ganhou, e logo as articulações começaram para implementar as emendas do orçamento secreto – é interessante perceber como assuntos polêmicos são nomeados pelos grandes veículos e como esses nomes ganham visibilidade e peso no discurso. Elevaram o fundo eleitoral, ampliaram as emendas de relator, conseguiram reajustes e a possibilidade de calote nos precatórios. O centrão segue de vento em popa, isto é, tudo está favorável para o grupo, que na gestão Bolsonaro faturou mais e afundou o país em dívidas, ao negociar verbas em troca de apoio. Inclusive, um dos próximos desafios para o futuro chefe do executivo será de gerir sem o controle de

40% do orçamento - que agora está sob controle do congresso.

E ainda existem os inocentes, que acreditam em Bolsonaro e levam fé de que a corrupção acabou no Brasil; um fenômeno que pode ser explicado pela pós-verdade, oriunda das fake news, isto é, o que importa não são os fatos, mas como a história é contada pelas partes. É um processo que envolve emoções, em falar o que se quer ouvir, e em análise de dados, coletados em mídias sociais e outras plataformas - um problema que os Estados Unidos ainda tentam compreender, após o escândalo da Cambridge Analytica.

O fanatismo é tão intenso que até os fatos mais óbvios de corrupção passam batidas, sem reverberar grandes escândalos entre os bolsonaristas. O orçamento secreto, as propinas cobradas por prefeitos para liberar emendas da

educação, através dos pastores do MEC, a liberação de madeira extraída ilegalmente e repassada como produto lícito a partir de licenças falsas emitidas com aval do ministro do meio ambiente, grileiros respaldados pelo presidente – que defende o uso de terras indígenas para exploração-, e com apoio de órgãos de fiscalização aparelhados pelo governo, 51 imóveis comprados com dinheiro vivo pela família do presidente. Enfim, exemplos de corrupção não faltam.

Bolsonaro mentiu quando se propôs como o salvador da nação. Quem acreditou – e devemos sua eleição em grande medida pelos evangélicos e a narrativa cristã -, se enganou. O resultado das escolhas do mandatário ao longo de seu governo só contribuiu para um alto índice de desemprego e uma inflação tenebrosa que consome o orçamento das famílias em vulnerabilidade social. O resultado não poderia ser outro. Mais de 33 milhões voltaram

a passar fome no Brasil, segundo pesquisa da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, divulgada em junho de 2022.

CAPÍTULO II

O evangelho do bolsonarismo

Bolsonaro não é cristão! É preciso dizer isso com clareza. Seu discurso pode até ser o de um homem religioso, que luta pela família, pela vida e pela liberdade de culto. Sua presença em igrejas e celebrações religiosas também pode ser legítima. Seu coração, porém, não é o de um homem cujo temor maior é o Nosso Senhor.

Henrique Rocha Melo publicou em seu blog, em janeiro de 2019, que se Jesus voltasse hoje seria recebido a balas pelos *‘cidadãos de bem’*, ou seria chamado de comunista. Eu concordo. O bolsonarismo e o evangelho são antagônicos. Não se misturam. É o joio e o trigo.

O uso da religião na política não deveria acontecer, principalmente pela laicidade do Estado. É importante termos líderes religiosos – de todas as religiões - participando ativamente na política. Esses grupos compõem a sociedade, têm direitos, têm

liberdade de culto. É importante que essas lideranças estejam no congresso, buscando apoio de órgãos para garantir sua liberdade, para garantir o direito de se reunirem sem sofrer discriminação de qualquer tipo.

Mas, o aparelhamento da religião como massa de manobra para pautar temas descabidos, ou ainda o favorecimento específico desse grupo, é errado e prejudica o país.

Para compreender essa relação entre o bolsonarismo e a religião, essencialmente as protestantes, é preciso colocar as claras e desmistificar o conceito de fundamentalismo.

Fundamentalismo não é terrorismo. Apesar da associação ser comum, principalmente depois dos ataques do 11 de setembro de 2001, está cercada de equívocos. Os fundamentalistas não são somente os mulçumanos. Inclusive, a palavra surge para

classificar os evangélicos americanos mais radicais. Talvez o único senso comum sobre o fundamentalismo embasado em fatos, é a associação do conceito ao radicalismo.

O fundamentalismo tem esse caráter. Ele reflete diretamente em ações radicais, intolerantes, autoritárias. O fundamentalismo nega a pluralidade, não abre espaço ao diálogo. O fundamentalismo é fanatismo.

Oras, não é um retrato de Jair Bolsonaro e seus apoiadores? Assistindo uma aula de Magali Cunha, pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER), onde ela abordou o tema da religião nas eleições, ficou evidente como o discurso cristão de Bolsonaro e seus seguidores está repleto de fundamentalismo.

Outro ponto interessante que a socióloga aponta é como o fundamentalismo utiliza da leitura

da Bíblia como instrumento de coerção. Uma leitura selecionada, específica, narrada de tal forma a combinar com os discursos políticos. Por exemplo, ainda em 2018, Bolsonaro utilizava um versículo bíblico, do livro de João, como um de seus slogans. “*Conhecereis a verdade e ela vos libertará*”. Bolsonaro se apresentou como o justo, o verdadeiro. Para os religiosos mais radicais, era tudo que precisava para reforçar no imaginário social que Bolsonaro era o escolhido de Deus, o homem que colocaria o Brasil no lugar que lhe era merecido.

Bolsonaro percebeu o peso do voto religioso e tratou de se aproximar desses grupos. Em 2016, já de olho nesse movimento, durante uma viagem a Israel, Bolsonaro se batizou no rio Jordão - segundo as escrituras sagradas, foi neste mesmo rio onde Jesus Cristo foi batizado por João Batista - e para os cristãos, rituais e locais como estes tem um peso

simbólico muito grande e causam simpatia para aqueles mais fiéis.

Objetivando o apoio desse grupo, que se tornara sua principal base aliada, suas pautas passaram a ser ligadas em questões morais. A defesa da vida - que é contra o aborto em qualquer situação -, a defesa da família - entendida aqui unicamente como a composta por casais heterossexuais -, o pânico moral instaurado a partir do medo do comunismo - que segundo eles acabariam com as igrejas. Pautas reacionárias e incabíveis. Mas que para um cristão mais tradicional, conversador, são dignas de aplausos.

Mas, logo que foi eleito, ficou evidente que Bolsonaro e, alguns líderes religiosos, queriam gozar de privilégios e “fazer a farra” no Planalto Central. Ser religioso se tornou critério para indicações no governo. Lembramo-nos de que

Bolsonaro prometeu indicar “*um ministro terrivelmente evangélico*” para substituir, no Supremo Tribunal Federal, o ministro Marco Aurélio Mello, que se aposentava. André Mendonça, segundo alguns especialistas, não é um terrivelmente evangélico, mas é evangélico. Foi um burburinho nas igrejas. “*Temos um pastor no STF*”, diziam.

Não foi diferente no Ministério da Educação. Depois de vários ministros que ocuparam a pasta e caíram (alguns, nem chegaram a tomar posse por fraudes no currículo), o pastor da igreja presbiteriana, Milton Ribeiro tomou posse e foi o ministro da educação que “sobreviveu” por mais tempo no cargo. Sua queda veio após denúncias de suposto favorecimento político a líderes evangélicos. Até barras de ouro foram pedidas como pagamento de propina. Aqui temos dois escândalos muito evidentes. O primeiro é o da corrupção, que Bolsonaro insiste em dizer que não acontece em seu

governo – quando não ocorre sequer investigações concretas, pois até a Polícia Federal foi aparelhada por ele. Segundo, a forte presença de pastores num lugar que devia estar cheio de pesquisadores, acadêmicos, pessoas que entendem o processo de educação e que lutam por isso.

Damara Alves, que esteve à frente do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, é outra fundamentalista. Talvez a maior caricatura do evangelho bolsonarista. A começar que a ministra, em um discurso que beirava a delírios psicóticos (que na verdade não passava de uma metodologia de controle social através do pânico moral), afirmou numa pregação que a personagem Elza, da animação Frozen, era lésbica, na tentativa de justificar o isolamento da princesa.

Assim, os conservadores cristãos usam desse discurso religioso, de que as coisas são “pecado”,

para legitimizar sua violência e seu preconceito. Um exemplo chocante que evidencia o fundamentalismo dos grupos que se consideram cristão foi o aborto legal realizado por uma criança capixaba em agosto de 2020.

A menina, que havia sido violentada sexualmente pelo tio, engravidou e conseguiu na justiça o direito de abortar o feto com uma equipe médica especializada- vale ressaltar que a legislação brasileira permite a operação em três circunstâncias específicas, uma delas o estupro. Mas o movimento que se observou no lado evangélico foi o rechaço ao procedimento. Eles afirmavam que o feto não tinha culpa e não podiam “*matá-lo*”. Houve quem chamasse a menina, ou melhor, a criança violentada, de assassina. Reportagens veiculadas pela Folha de São Paulo revelaram os movimentos nos bastidores que a então ministra teria realizado

para que a gravidez indesejada e de risco, não fosse interrompida.

Ainda em 2020, um pouco antes do caso supracitado, com as restrições impostas devido a crise sanitária, uma teoria que apareceu em algumas igrejas especulava que o novo coronavírus era uma *“invenção da esquerda para fechar as igrejas e impedir os cultos”*. Durante a CPI da Pandemia, instaurada por ordem do STF, era comum ouvir essa teoria por alguns senadores. Aqui, felizmente, o bom senso falou mais alto e muitos cristão deram razão à ciência. Mas sempre existem desertores que tapam os olhos para a realidade. Além de tudo, este caso mostra a prepotência desse grupo. Achar que existe uma teoria de conspiração global para fechar as igrejas no Brasil, porque o presidente brasileiro é evangélico? Qual a lógica dessa teoria? Como sustentá-la? É muito difícil... Um trabalho exaustivo.

Mas não se pode pensar tão vagamente e achar que as coisas acontecem só porque aconteceram, que elas não são pensadas, estruturadas. É, na verdade, uma metodologia. Bolsonaro precisa dos cristãos para se manter no poder. É uma base que não se dilui, que não abandona o barco. Essas declarações de caráter religioso são uma propaganda política para uma base específica.

Se Bolsonaro realmente acredita nas coisas que diz e faz quando a temática é religião, é outra história. Mas, é preciso pensar que este grupo, agindo dessa forma, mancha a imagem de um país diversificado, plural, quando, por exemplo, hostilizam padres que discursam pelo combate à fome e a desigualdade - enquanto Bolsonaro prega que a fome no Brasil é exagerada e fantasiosa. Eles perseguem, agridem com palavras, limitam direitos; é um absurdo. Mas é real.

CAPÍTULO III

Um homem cristão

César está de pé no púlpito usando seu terno de risca da Dom Gaspar enquanto fala aos convidados em mais um de seus aniversários realizado pela igreja da qual é pastor. Na ocasião, ele relata sobre a infância difícil. A mão que segura o microfone treme incessantemente. Mas não por nervosismo, tampouco mal de Parkinson. Há cerca de 10 anos atrás, César quebrou a mão. Sua teimosia, porém, o fez pensar que a lesão não tinha seriedade e para todos os efeitos dizia “é apenas uma luxação”. A demora para procurar atendimento médico resultou em uma operação que não garantiria o pleno funcionamento dos tendões, que foram muito afetados. Agora, a mão de César transparece a de um senhor de idade, cuja funções motoras já não são mais as mesmas.

César está completando 86 anos e há 25 anos dirige a igreja que realiza a celebração festiva; uma

Assembleia de Deus, na região noroeste de Goiânia, num lote de número desconhecido. Antes disso era pastor em outras igrejas de outros setores, outras cidades. Sua vida cristã é tão velha quanto sua idade.

Sua mãe morreu jovem, nem pode conhecê-la. Mas tem muito carinho pela mãe da qual tem poucas lembranças. “Mamãe me deixou jovem, mas sempre me deu muito amor. Posso sentir”, diz ele carinhosamente, sempre que se recorda da mãe, embora não tenha sequer um retrato da matriarca. Sua lembrança está apenas na memória.

Ele não fala muito de sua madrasta. Nas poucas vezes em que a menciona, é para contar os abusos e violências que sofreu da mulher. Quando fala de seu pai, é com tristeza. O patriarca sempre saía em defesa da segunda esposa.

Um dia, depois de levar uma vassourada (ou seria uma escova de cerdas) na cabeça, decidiu sair de casa. Ainda menino, saiu de Minas e foi morar com a irmã em Anápolis, no interior de Goiás. Ester e seu esposo James, o receberam de braços abertos.

Há época, James já era pastor e precisava de auxílio nos assuntos eclesiásticos. Cézar era a pessoa perfeita. Jovem, adepto às ideologias cristãs e numa situação onde recusar não era uma opção viável, contribuíram para que o rapaz pudesse aceitar o que consideraria futuramente “um chamado de Deus”. Ali começa uma história que perduraria até os dias de hoje e transformaria gerações da família.

Mas a plateia parecia não se emocionar com o relato, ou se impactar de forma alguma com a história. Talvez seja pela falta de surpresa num conto repetido 25 vezes. Nas primeiras duas despertou muita emoção do público. Sua esposa,

dona Leda, conta que nos primeiros anos de pastoreio, em especial nas celebrações de aniversário, César fazia todos os presentes chorarem. Quem não se emocionaria com a morte trágica de uma mãe, o sofrimento de um caçula, e os caminhos divinos resgatando uma alma? Hoje, depois de tanto ouvir a história, a dor aparenta ser menor.

César considera, também, que sim. Com a família criada, crescida, os netos com filhos, os filhos seguindo o trabalho pastoral, o pastor conclui que viveu tudo que tinha para viver, na graça de Deus. Ele pontua, sempre que pode, que sua família foi bem instruída para viver no mundo e seu trabalho levando o evangelho alcançou muitas vidas. E ao longo do tempo, a dor pela falta da mãe e todas as lembranças do começo de vida sofrido, foram dando espaço a felicidade, que aumentava a cada parente que nascia.

Depois da celebração e do jantar maravilhosamente gostoso – apesar de repetitivo, pois para quem não é habituado ao meio evangélico, em especial os cristãos goianos, algumas particularidades lhes são atribuídas. Nesse ponto, convém destacar os jantares em eventos cristãos. A comida é tabelada, pode-se dizer. Sempre é o arroz, que nunca falta na mesa dos brasileiros privilegiados – afinal dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional apontam que ao menos 30 milhões de pessoas passam fome nesse país de dimensões continentais, conhecido como a fazenda do mundo. Uma salada com algumas frutas como uva, manga e morangos, além das alfaces de variados tipos e molho de mostarda, comumente chamada de salada tropical. E as carnes: sempre lagarto ao molho madeira e frango ao molho de queijos. Tudo estava ótimo, mas

todas as festas em igrejas seguem essa receita. E os aniversários de Cézar no templo não são diferentes.

Cézar e a esposa moram na casa pastoral. Uma casa em anexo, ligada à igreja por um portãozinho. Não há muita privacidade, uma vez que os membros da igreja não respeitam os horários e aparecem na casa do casal em qualquer momento sobre a justificativa de terem ido visitar o pastor. Na hora do culto então, todos os problemas que surgem se tornam responsabilidade da esposa. Se está faltando água é um tok tok.

- Pastora Leda, vim buscar uma jarra de água para o pastor

Se a porta está trancada é outro tok tok:

- Pastora Leda, a senhora sabe qual a chave para abrir o berçário?

Se as irmãs do coral vão fazer um último ensaio antes da apresentação é mais um tok tok.

- Pastora Leda, vim buscar o radinho para as irmãs ensaiarem.

Fora quando as visitas indesejadas chegam na hora do almoço, ou no lanche da tarde, ou ainda no café da manhã. E sem considerar os tormentos de sábado à tarde, quando a equipe de louvar vai ensaiar as músicas que serão cantadas na noite seguinte. É uma tarde inteira cantando os mesmos versos até atingir o tom ideal.

Fato é que a vida, ao lado de uma igreja, não é fácil. É barulhenta, sem sossego, inconveniente e cansativa. Mas o casal parece gostar.

O discurso em agradecimento por mais um ano de vida foi escrito no computador LG modelo 2006, com Windows 7 instalado e world 2006. Nos

dias de hoje, é um software extremamente defasado e obsoleto. Mas para quem escrevia, até pouco tempo, em uma máquina de escrever, a CPU, o monitor, o teclado e o *wi-fi*, se tornaram um conjunto deveras moderno para um homem de oito décadas.

O gabinete fica no segundo andar da igreja, num corredor com várias salas onde são ministradas as aulas da escola dominical - um culto na manhã de domingo que divide a igreja em salas por idade e assim, estudam lições bíblicas de modo direcionado e aprofundado. A porta é a única de madeira ao longo do corredor. Todas as outras são de metal, pintadas de um branco off-white. Mas a porta do meio, imponente com seu madeirado vermelho, evidencia que ali tem algo especial.

Na sala, de parede branca e móveis de madeira clara é possível notar, sobre a escrivaninha,

uma série de livros abertos em assuntos diferentes. Ainda na escrivaninha, além do computador velho, também é possível observar uma impressora, que fica mais sem tinta do que plena para funcionamento. Ao lado e em cima das escrivaninhas e estantes. Nelas há vários livros de estudos e bíblias, de todos os tamanhos e cores. Capas verdes, vermelhas, ilustradas como se ardesse em chamas, com retratos de antigos e influentes pastores. Na parede, retratos de outros aniversários, desenhos feitos à lápis, fotos da esposa e de alguns netos, condecorações, como medalhas e certificados de honra ao mérito, que recebeu ao longo da vida, por entidades religiosas, públicas e civis. Em um canto e outro, alguns souvenirs de viagens. Cézar é um homem viajado, conhece várias partes do mundo. Todos os destinos têm algo em comum – lugares de religião forte. Ele até se batizou no rio Jordão, na primeira vez que visitou Israel. O resto

da sala é completada por três poltronas e um banquinho de madeira. É ali que Cézár passa a maior parte dos dias. Onde se debruça o que mais entende. A leitura cristã. Por isso, inclusive, Cézár vive numa bolha. Sua cabeça entende somente dos dogmas impostos pela Igreja.

Cézár é bastante lúcido, para um sujeito de 86 anos. É capaz de ler e falar muito bem. Concluiu os estudos de colegial e conquistou seu lugar no mercado de trabalho. Seu primeiro trabalho foi como farmacêutico, na farmácia de seu amigo Gonçalves. Há época, não era exigido dos profissionais a formação em farmacologia, tal qual não é exigido diploma no jornalismo. Fez alguns bicos como office boy; mas foi trabalhando no departamento financeiro de uma concessionária que juntou dinheiro para formar sua família. Lá fazia todos os tipos de transações financeiras e relembra que andava por todos os cantos de Goiânia na sua

honda cb 450, 1972, com dinheiro grosso na mala. Formou-se em teologia e, além disso, seu raciocínio é treinado todos os dias nas palavras cruzadas do jornal O Popular, que preenche todas as manhãs enquanto toma seu café. Sua dieta também é bastante rígida. Sempre temeu os efeitos nefastos do açúcar e por isso sempre foi muito cuidadoso com a ingestão de glicose. Porém, seus cuidados não foram suficientes para evitar a diabetes. Nessa idade, fica ainda mais complexo desenvolver a doença. Os cuidados de Cézár com a alimentação redobram desde o diagnóstico. Seu café é servido em garrafa separada, já que é preparado totalmente sem açúcar. Suas bolachas de trigo são integrais, assim como suas torradas e pães. A maior parte de seu café da manhã, porém, advém das frutas, em especial o mamão.

Seu almoço também não é diferente. O arroz é integral. Sempre coloca muita salada no prato.

Mas ainda tem dificuldades de entender que o açúcar não é apenas aquele branco cristalizado. O açúcar também está presente em alguns alimentos que são a fraqueza de Cézar. Basta ver um milho refogado na panela, por exemplo, para colocar metade do preparo no seu prato. E milho, como apontado pelos nutrólogos, é um alimento rico em carboidratos e, por tanto, açúcares. Mas ele se esforça para fazer o melhor que pode. E os filhos, preocupados, também conscientizam o pai sobre a mudança de hábitos. De noite, não costuma jantar. Toma um suco natural, chá ou vitamina. Ou, ainda, mais uma “banda” de mamão.

Além disso, costuma ler algumas matérias no jornal, depois das palavras cruzadas. Na hora do almoço, a TV fica ligada no jornal hoje. De tarde, quando desce do gabinete para lanche, a TV fica ligada no jornal policial local. De noite, depois de tomar banho, se deita na sala com Leda e vai assistir

ao Jornal Nacional. Entretanto, Cézár demorou para ter sua primeira televisão. Só foi comprar depois de velho, já com uns 40 anos. Seu segundo e quarto filho, Lobato e Humberto, foram os primeiros a comprar o aparelho. Mas por temerem repressão do pai, escondiam a pequena televisão no guarda-roupa e só a ligavam muito tarde da noite, ou quando o pai não se encontrava em casa. Devido a criação numa casa de evangélicos rígidos, Cézár também se tornou adepto do evangelho ríspido. Costumava dizer que televisão era coisa do demônio. Uma caixa de vidro que colocava satã e suas ideologias dentro das casas cristãs, sem que estes percebessem a influência sorrateira do mal.

Por isso, talvez, Cézár tenha dificuldades para compreender o real significado do nazismo ou da ditadura civil militar de 64. Criança e ainda adulto, não tinha acesso a informações. Acreditava em “disse me disse”. Trocava o certo pelo duvidoso. E

hoje, apesar do amplo acesso à informação, Cézár ainda duvida de questões óbvias e reflete com exatidão os problemas oriundos do negacionismo cristão.

Medo é uma boa palavra para definir a metodologia cristã. Desde a fundação da Santíssima Igreja Católica Apostólica Romana, é possível perceber como a igreja utiliza as figuras de céu e inferno, Deus e diabo, o certo e o errado, para estabelecer padrões de culpa e evitar que “inconvenientes” lhe acontecesse; e claro, punição para os que desobedecessem. Só com o iluminismo, no século XVII, a igreja começa a dissolver seu poder de Estado. O que não culminou com a perda de controle social dessa instituição entre seus seguidores. Cézár, praticava com seus netos – quando estes eram pequenos, as mesmo conceito por trás das metodologias de controle social que a igreja exercia na idade média. Seus netos lembram

com clareza, que iam à igreja mais por medo do que poderia lhes acontecer do que por amor de fato a Jesus Cristo. O medo de ser condenado e castigado aos tormentos do inferno os impediam de fazer coisas de crianças, como brincar na rua. Seus filhos, lá atrás, também são bons exemplos da repressão que a igreja causa – afinal, eles escondiam a televisão no guarda-roupa.

Lobato, o segundo filho, foi expulso de casa certa vez. Na adolescência, desviou-se dos caminhos cristãos e tratou de aproveitar a vida como um garoto brasileiro e boêmio. Bebia, fumava, ia para a farra com as “gatinhas”, para o desafeto do pai. Uma vez, César encontrou um cigarro de maconha nas coisas do filho. Foi a gota d’água para expulsar o garoto. Ele foi morar com a tia depois disso, e lá começou a trabalhar duro e viver sob a constante vigilância de Gilda, irmã de Leda. Com o passar dos

anos, Lobato entrou nas rédeas do pai novamente. Hoje em dia é pastor, para orgulho do pai.

César também reflete o retrato do machismo familiar que as igrejas impõem, a partir da visão de que a mulher deve ser submissa ao homem. Apesar dos direitos conquistados pelas mulheres e para as mulheres, Leda é impedida pelo marido de exercer alguns. Ela não sabe dizer ao certo qual foi a última eleição que escolheu um candidato por conta própria. “Sempre voto em quem o César me manda votar”. Leda, assiste ao noticiário escandalizada com as barbaridades que o presidente da República diz diariamente. Durante a pandemia da Covid-19, se assustava com “a crueldade com que esse homem fala e zomba da morte”. Ela não é uma bolsonarista. Ela não concorda com várias questões postas pelo Presidente. Quando a questionada, ela discorda com a grilagem de terras, tampouco com o genocídio dos indígenas. Dona de casa, acha que a economia vai

de mal a pior, e ressalta como a qualidade de vida caiu, já que a aposentadoria é estagnada e o valor dos produtos não param de subir. Mas Leda votou 17 duas vezes, em 2018. Uma em cada turno. Além de ter votado nos candidatos do marido para senador, deputado federal, estadual e governador. Não é incomum ver Cézár destratando a esposa. Em alguns momentos é revoltante ver a indelicadeza de um marido ao conversar com sua esposa. Os pedidos são ordem, quase nunca acompanhados de um “por favor”. Obrigado, então, passa longe de seu dicionário.

Cézár trata a esposa respeitosamente, na maior parte do tempo. Em alguns momentos, ele a trata como sua doméstica. Alguém que está ali para atender suas demandas. Em alguns momentos, Cézár chega a ser folgado. Num almoço de quinta-feira, um dia que estava muito frio em Goiânia – aliás, o dia mais frio em 43 anos, Leda

deixou as panelas no fogão, para que a comida não esfriasse tão facilmente. Ela serviu o almoço e foi à despensa pegar a vasilha de farinha. Cézár, enquanto isso, já estava no fogão servindo seu almoço. Quando ele chegou no feijão percebeu que não havia colher para servir. Mas a gaveta de colheres estava logo ali, do lado do fogão, a pleno alcance de Cézár. Mas ele preferiu sair da cozinha, dirigir-se a despensa e comunicar a esposa que não havia colher para o feijão. Ser folgado não é bacana, mas não chega a ser um defeito avassalador. Porém, Cézár o fez de uma forma grossa, como se estivesse brigando com a esposa pelo mero detalhe.

Nesse caso, em específico, é curioso notar como Cézár tem um estilo de vida prolixo. As netas mais velhas, Ana e Janine, por exemplo, não podem pedir absolutamente nada. Quando pedem, mesmo que algo simples, como uma água, escuta do avô “parem de pedir e vão lá fazer”. Ele entende que as

mulheres devem se virar, que é feio mulher que pede as coisas. Mas ele próprio é incapaz de abrir uma gaveta e pegar a colher; Ele prefere pedir que a esposa pegue. Essa prolixidade tem nome: machismo.

Com as netas, Cézár ainda é inoportuno e deselegante pois sempre que pode reitera as jovens que elas precisam casar. Mais do que isso, desacreditam que as netas, mulheres que são, são capazes de se auto sustentar. Na cabeça de Cézár, as mulheres têm a necessidade de se casarem, por diversos motivos. Para “edificar a casa e o marido” leia-se: ser doméstica e se ocupar apenas com serviços do lar; para não ficar “beata”, ou ainda porque a gente precisa casar mesmo. E Cézár considera que quanto antes o casamento vier, melhor é. Vários netos de Cézár, pelo menos a maioria, preferiram os estudos. Alguns já se formaram, outros estão concluindo a graduação,

mas não casaram. Tiveram uns namorinhos aqui e ali, mas nada sério. A família não conhecia vários agregados. Pedro Henrique, de 19 anos, porém, foi seu orgulho no quesito casamento e família. Ele e sua esposa casaram em agosto passado, ambos com 19 anos. A noiva é estudante de medicina em uma faculdade particular, no interior de Goiás. Ele trancou o curso de engenharia mecânica e trabalha no negócio de seu pai, afinal, agora que casou, sua preocupação primeira é o sustento da casa. Educação fica em segundo plano. São, na verdade, duas crianças, que acabaram de sair do ensino médio. Com pouca maturidade para as questões sérias que envolvem um casamento e com pouco (ou quase nenhuma) renda para sustentar uma casa, Cézár considera, ainda, que o neto está no caminho certo, se comparado com os netos que optaram pelos estudos.

Mas foi recentemente, durante a pandemia da Covid-19, que C ezar revelou o maior problema dentre os cristãos em linhas gerais: a hipocrisia.

Não precisa ser um grande teólogo ou um cristão fervoroso para saber que a palavra de Deus é amor. Afinal, as próprias escrituras sagradas, no evangelho de Matheus, em seu capítulo 22 dos versos 37 a 39 diz: ame a Deus acima de tudo e ao teu próximo como a ti mesmo. Não há maneira melhor de analisar as hipocrisias de C ezar do que partindo do pressuposto da passagem bíblica. Especialmente a segunda parte “e ao teu próximo como a ti mesmo”.

C ezar é um completo intolerante. Não é incomum vê-lo associar outras entidades e crenças a demônios e coisas malignas. No carnaval, por exemplo, sempre volta à tona a questão de que sat  dissemina suas ideologias através da televisão. Seu

pensamento moderno, porém, apenas transfigurou o demônio de lugar. Ao invés do aparelho, de fato, o demônio é uma famosa emissora, a mais poderosa do Brasil e uma das mais influentes do mundo. E todo esse estigma por causa da riqueza e diversidade que os brasileiros podem contemplar junto a globeleza. Rezas, santos, orixás, nenhum deles “presta”. São todos “demônios” na perspectiva de Cézár.

Não obstante dos preconceitos religiosos, os preconceitos de raça são, ainda, outra realidade de Cézár. RACISMO é o nome para seus comentários e algumas atitudes. Ele, em pleno 2022, ainda utiliza a cor da pele para caracterizar as pessoas. Certa vez, uma de suas netas namorou um rapaz negro. Há quem diga que o rapaz era moreno, ou mulato (o que não diminui a afro descendência do jovem – ou de todos os outros brasileiros). Ele, como muitos jovens daquela época, era centrado. Estudava,

trabalhava, de uma família da qual todos conheciam seus pais. Era “um jovem de boa índole. Só tem um problema... Ele é pretinho”, considerava Cézár. E os comentários sempre são acompanhados de algumas gargalhadas.

Nas olimpíadas, Cézár estava com sua esposa e dois netos assistindo a disputa pela medalha de ouro no revezamento 4x100 da nataçãõ feminina. No fim da prova, uma senegalesa não se desenvolveu muito bem na competiçãõ e acabou terminando a prova fora do pódio, tirou, ainda na piscina, sua toca de proteçãõ. Negra de raízes fortes e mulher forte, não se intimidou aos padrões de beleza das loiras americanas, suecas e norueguesas e não se submeteu a grandes transformações capilares. Logo que viu, Cézár disse “por isso a negona perdeu a prova, olha esse cabelo. Capaz que ele nem molha se ela mergulhar”. E novamente, acompanhado de uma gargalhada. Mas foi durante a pandemia que

César evidenciou seu desprezo (ou a falta de amor) para com o próximo.

666 é um número que causa em César, ojeriza. Isso porque, segundo as mitologias cristãs, é o número que representa o diabo (ou, propriamente dito, a besta). Porém, nesse caso, o número representa o Joaquim, o José, a Maria e a Joaquina. Representa o Miguel, a Fernanda, a Isadora, o Thiago – com e sem h, a Isabela, o Renato... Todos os nomes quanto forem possíveis. O número, aqui, são vidas. Vidas que se foram... Por negligência, irresponsabilidade, teimosia, negação. Foi, ainda, por falta de leito, por falta de médico, por falta de tempo, por falta de ar. Seiscentos e sessenta e seis mil mortos – até a data em que escrevo (maio/2022), segundo dados do Governo Federal, que em diversas ocasiões deixou de informar os dados para tentar maquiagem a tragédia. Então, ou seja, é possível que esse número tenha uma imensa subnotificação, e os

mortos possam ser muitos mais. Fato é que Cézár, apesar do amor que deveria ter pelo outros – mesmo dos desconhecidos, deu lugar à indiferença, à barbárie. Como grande apoiador do presidente Bolsonaro, ele também apoiou sua política genocida de enfrentamento à pandemia. Ciro demorou até que o segundo filho o conscientizasse da importância das máscaras. Quando chegou as vacinas, ficou temeroso que a injeção contivesse o famoso “*chip* da besta” – Uma velha história pra dormir que os evangélicos vivem contando e esperando ansiosamente para que um dia aconteça. Ainda, se automedicou com hidroxicloroquina e Ivermectina- remédios comprovadamente ineficazes para o tratamento da doença. O mais angustiante, porém, era ver o sorriso que se abria no rosto de Cézár, um semblante de contentamento, sempre que o mandatário aparecia para um pronunciamento. “Bolsonaro é honesto”, diz ele. E ainda reitera o

fortalecimento das igrejas após a eleição do reacionário. Ele não quer enxergar, mas as duas proposições de Cézár, por si só, se contradizem. O fato das igrejas terem poder, neste momento, é justamente a prova de que Bolsonaro não é honesto (tampouco cristão). O fortalecimento das igrejas pode ser lido como “os novos privilégios das igrejas”. Aparelhadas junto ao MEC e fortalecendo os palanques eleitorais no Brasil afora, pode-se denominar o fato como corrupção.

Mas o discurso, a narrativa construída escorada na fé, os registros que colocam Bolsonaro como um ser cristão, impedem Cézár, e outros, de perceber a realidade tal qual ela é. Pensam que por ser religioso é honesto, e por isso o país está em boas mãos. “Muita gente morreu, mas pelo menos ele ora pelo bem da nação”, dizem.

Mas esquecem que quem matou Jesus se sentou à sua direita, na última ceia.

CAPÍTULO IV

Uma economia de mal a pior

Meu pai nunca foi fã de carteirinha dos governos petistas. Em 2018, eu e minha irmã ficamos em dúvida sobre o voto do nosso velho. E como o voto é secreto, ele também não cravou com certeza em quem tinha votado. Mas me lembro, de quando criança, que Lula era uma figura que despertava significativa revolta em minha família, de maioria evangélica – ressalto. Ele é vendedor de veículos, um mercado bastante abalado pela pandemia, especialmente pelo déficit de microchips condutores que funcionam como a alma dos computadores e circuitos de um carro. Resumindo, a falta de matéria prima para produção desses chips impactou a produção de veículos em todo o mundo; e sem veículos em estoque, um vendedor de carros fica sem produto para vender. A ingerência de Bolsonaro, que terceirizava a culpa sempre que podia – como quando jogou aos governadores a responsabilidade pela alta dos combustíveis, ou

quando não atuou no combate à pandemia sob justificativa de que o STF havia proibido a atuação da União nas medidas de prevenção e que esta seria de responsabilidade, novamente, dos estados, duas falácias, como tantas outras, ocasionaram uma série de inconvenientes aos brasileiros que precisam cuidar da saúde, abastecer os carros, pagar a conta de luz e fazer o mercado no fim do mês.

Meu pai, que no governo de Michel Temer elogiou a economia, e de fato a renda dele melhorou nos dois anos de mandato do mdbista, começou a se incomodar com “*o jeito do Bolsonaro fazer política*”. Na eleição de 2018 eu e minha irmã não tínhamos certeza, mas pelo sim e pelo não, não colocávamos a mão no fogo. Afinal de contas, a aversão ao Haddad sempre foi mais evidente que a aversão ao bolsonarismo.

Em alguns momentos, ele não parecia levar Bolsonaro a sério, ria, achava engraçado as respostas rudes que o mandatário sempre fez questão de deixar registrado – desde quando deputado federal, ou antes – Por isso, sempre consideramos que o voto do meu pai, naquele ano, havia sido no capitão reformado.

Tudo começou com a conta de luz. A cada mês aumentava R\$10, R\$15. Então, estabilizava novamente, e as chuvas começaram, os reservatórios enchiam, os preços se normalizaram. Mas a notícia de uma estiagem severa já anunciava o inevitável. A bandeira vermelha – tarifa máxima cobrada nas contas de luz – seria permanente enquanto a crise hídrica durasse. Mas a estiagem se intensificou, contrariando aqueles que duvidam do aquecimento global e das mudanças climáticas, e agravou ainda mais o cenário. No fim das contas, o governo precisou acionar termoelétricas e a conta

de luz teve mais um aumento. A bandeira “escassez hídrica”. Saltou o dobro. Em 2018 a conta de luz era em torno de R\$150. Em novembro e dezembro de 2021 – época de vigência da bandeira especial – chegou a R\$420.

Enquanto isso, vale ressaltar, o Brasil já sofria as perdas da pandemia enquanto Bolsonaro se ocupava em berrar aos quatro ventos que só compraria a “*vaChina*” se fosse “*na casa da tua mãe*”. Ou ainda especular que as doses poderiam transformar os vacinados em jacaré. Era evidente que dali, só poderíamos esperar o pior. E de fato, o pior aconteceu. Depois dos aumentos no setor energético, o aumento no petróleo castigou, ainda mais, a renda dos brasileiros.

Parecia notícia repetida. Alguns veículos, inclusive, estamparam em suas capas a frase. “*Não é notícia repetida: A gasolina vai encarecer DE NOVO*”.

E até meu pai, que não era adepto à esquerda, assumiu que a época que mais ganhou dinheiro foi no governo Lula.

“Só tirar a Dilma que a gasolina volta a custar menos de três reais”. Quem disse isso não poderia imaginar que em 2022 o litro da gasolina comum custaria, em algumas capitais, R\$7,27. Mas a máxima foi bastante utilizada em 2016 e, na época, o valor cobrado nas bombas causava revolta em grande parte da população, que pedia, numa bandeja, a cabeça da presidenta. Hoje, entretanto, o que se observa é um relativo comodismo da população que não está tão atônita com a gasolina custando quase o triplo do que há alguns anos atrás.

No caso da presidenta, ainda, houve quem dissesse que Dilma foi deposta não pela questão econômica, mas por falta de apoio no parlamento e, segundo alguns articulistas, pelo fato da petista ser

cabeça dura em alguns momentos e “*histérica*” em outros. Basta lembrar das “*explosões nervosas da presidente*”, na capa de abril de 2016 da revista IstoÉ, com uma foto – vale ressaltar –fora de contexto.

É preciso observar que a perspectiva da deposição de um presidente, motivado pela falta de simpatia do Congresso Nacional, não caiu muito bem para uma democracia, e em especial para a economia desta nação. Num governo parlamentarista, por exemplo, é essencial o apoio por parte expressiva dos parlamentares para se manter no poder. No modelo de governo brasileiro, esse apoio é fundamental para aprovação de leis que sejam de interesse do presidente e para que os dispositivos da máquina pública permaneçam harmônicos entre si. Mas a falta de apoio dentro do congresso não pode ser motivo de aprovação para um processo de impeachment.

Dilma Rousseff participou, em abril de 2022, como convidada em episódio do *podcast* Mano a Mano, comandado pelo rapper Mano Brown, vocalista dos Racionais MC. No episódio, Dilma atribuiu seu impeachment como produto do machismo e da misoginia, além de uma clara usurpação de poder por parte da aristocracia política – relembrar o retrato ministerial do vice Michel Temer, como homens brancos de meia idade, como os personagens de um livro histórico de Gilberto Freyre, como Casa Grande e Senzala, ou Sérgio Buarque de Holanda, em Raízes do Brasil, é essencial para considerar plausível as atribuições de Dilma, do fato. Mas se Dilma foi deposta, por que a gasolina não baixou, afinal?

Alguns odiosos do PT e divulgadores de fake news ainda atribuem a situação econômica do Brasil como responsabilidade de Dilma e suas pedaladas fiscais – pretexto que serviu de acusação para o

crime de responsabilidade fiscal. Em março de 2022, a sétima turma do Tribunal Regional Federal da 2ª região anulou os processos que acusavam Dilma das manobras fiscais.

Concluiu-se, de fato, que Dilma não foi responsável pela crise que viria anos depois. Evidentemente, não se pode anular ou fingir que os governos petistas não causaram prejuízo ao país. Todo governo é benéfico e prejudicial, hora para uns, hora para outros. O ditado popular diz que nem Jesus Cristo agradou a todos, logo, não existe homem ou mulher de Estado que consiga o feito. Mesmo líderes notáveis, como Obama, Jacinda Adern, Churchill ou Lula, não saíram do governo como aprovação de 100%. Isto é, inclusive, um fato a se notar sobre a vida. Onde as pessoas, passam deixam amigos e desafetos.

Em conversa com uma economista, que preferiu se resguardar ao sigilo da fonte – argumentou que tinha medo de represálias, inclusive pela coordenação da faculdade onde é professora de doutorado, devido a linha editorial deste trabalho - apontou que para compreender a situação atual é preciso, primeiro, entender a alta do dólar. Nesse ponto, ela ponderou que a responsabilidade não foi exclusivamente do atual presidente, embora, ressaltou que algumas falas e posicionamentos, principalmente durante a pandemia, fomentaram, ainda mais, a disparada da moeda americana. Ela pontuou que Dilma não era uma presidenta ruim, mas seu governo, especialmente seu segundo mandato, causou muita instabilidade econômica. Evasão de investidores, desemprego. Fato é que, a partir de 2015 é possível constatar uma flutuação maior do dólar. Lembra, ainda, que três anos depois, a extrema polarização

que dividiu o Brasil e as instituições, afetou os mercados. Então, ou seja, o dólar, aqui, não subiu de uma semana para a outra, apesar de parecer no imaginário social.

O dólar vem subindo gradualmente, há anos, aponta ela. Porém, as irreverências de Bolsonaro, a “*rifa*” que fez da máquina pública ao centrão, e as políticas inócuas de Paulo Guedes foram os grandes vilões que elevaram a cotação da moeda americana a quase seis reais nos últimos dois anos.

A economista cita, como exemplo dessas irregularidades, as saudações de cunho golpista que o presidente reiteradamente faz. “*Lembra do 7 de setembro?*”, perguntou ela. Impossível não lembrar. Acontece que os investidores, os investidores de peso, os que têm dinheiro grosso, precisam de uma confiança jurídica para investir no país. Isso é básico, é pressuposto. Quando um presidente

ameaça o sistema judiciário, os primeiros a “*fugirem*” são os grandes investidores. Isso se reflete principalmente no fechamento de fábricas, montadoras principalmente.

A primeira coisa que a extrema esquerda – que é tão prejudicial quanto a extrema direita – fez, na Venezuela, foi aparelhar o sistema judiciário. Depois que isso aconteceu, todas as outras crises vieram como conseqüências.

E o que faz o dólar subir? Foi uma das primeiras indagações que surgiu na minha cabeça, quando conversava com essa economista. Mas nunca fui expert em matéria de economia. Nesse ponto, tenho algo em comum com o presidente. Afinal, ele mesmo dizia, em 2018, que não entendia nada de economia e esse assunto era da ossada de Paulo Guedes – um dos primeiros ministros apontados pelo capitão. Fato é: pedi que ela me

explicasse como uma professora ensina a seus alunos. Ela começou explicando que é preciso ter mente uma coisa, antes de tudo: o dólar não sobe, pois ele é a moeda de referência no mercado.

As grandes transações internacionais, acordos multimilionários, são feitos em dólar. Tecnicamente, as outras moedas perdem poder de compra em relação ao dólar. Isto é, a moeda estrangeira que se desvaloriza, na ocasião a moeda nacional se desvaloriza.

Um dos fatores responsáveis por isso é a taxa básica de juros estipulada pelo Banco Central, e seu Comitê de Política Monetária (Copom). O desemprego gera inflação, outro pressuposto básico da economia. Para a inflação baixar, o dinheiro precisa circular. As pessoas precisam produzir e consumir. Se não há consumo, o mercado pára... A inflação sobe. Então, desde 2016, a escalada de

desemprego favoreceu o aumento da inflação. Com a pandemia, o desemprego aumentou. Para tentar frear esse aumento, o Copom elevou a taxa básica de juros. Uma escalada rápida, inclusive. Em um ano, a taxa Selic, principal índice de medida da inflação, teve dez aumentos. Em maio de 2022, último aumento desde a data em escrevi esse texto (maio/22) a Selic passou de 11,75% para 12,75%.

Outro fator é a própria inflação americana e sabe-se que a pandemia afetou os mercados internacionais. O Brasil sofreu mais, pois já estava em declínio, mas o desemprego americano, somado a outros fatores – como o governo de Donald Trump – elevaram os juros básicos americanos ao maior valor em 22 anos, segundo dados do Federal Reserve Board, analisados pela Ceic Data.

Entretanto, o que mais assusta os investidores, de modo a desanimá-los em aplicar

negócios nas terras brasileiras, são os movimentos políticos. Ninguém quer investir numa empresa com sede em um país de instabilidades, crises entre poderes e onde instituições de fiscalização estão aparelhadas (mesmo que seja instituições de fiscalização ambiental). Nesse ponto, o primeiro fiasco do Brasil é a queda de Dilma. Pode-se até considerar que a retórica de “*ruim com Dilma, pior sem ela*”, é verdadeira.

Ali foi o primeiro golpe duro para os investidores, pois foi um claro atentado à democracia, que usou um processo legítimo com acusações ilegítimas. Soma-se a isso a eleição de um capitão que prometeu privatizações, e não entregou. Durante a pandemia, tardou em comprar vacinas e reiterou que o vírus não poderia ser motivo de paralisação, empurrando as pessoas ao abismo. Que persegue a imprensa, não dá respostas e ainda manda “*calar a boca*”.

Engana-se quem pensa que os Estados Unidos é grande nosso parceiro econômico. Na verdade é a China. Precisamos da China para ganhar dinheiro. Ela é nosso maior cliente no mercado de grãos, minério de ferro e óleos brutos derivados do petróleo. Totalizou uma arrecadação de 87,9 bilhões de dólares em 2021, segundo dados da Comex Stat, de janeiro a dezembro daquele ano. E o que Bolsonaro mais fez em 2020 e 2021 foi surfar na onda do amiguinho Trump e responsabilizar a China pela crise sanitária global. Além de inflar o suposto temor ao comunismo e dissuadir entre seus apoiadores teses de que tudo não passava de um plano do governo comunista chinês de afundar a economia mundial e obter vantagens econômicas internacionais. Depois, criticou as vacinas que eram produzidas com insumos chineses – o IFA, sigla para insumo farmacêutico ativo. Então, ou seja, na maioria das vezes que Bolsonaro aparecia em

público, ele proferia uma frase capaz de abalar o mercado nacional. O resultado está aí.

E como nada é tão ruim que não possa piorar, em 24 de fevereiro de 2022, por ordens do Kremlin, o exército Russo invadiu o território da vizinha Ucrânia. A Rússia é um dos maiores produtores de petróleo do mundo. Era fato, quando a guerra estourou, que o mundo sofreria consequências, especialmente no setor energético. Dito e feito, e o petróleo, que aqui já estava caro, aumentou mais um pouquinho. Atualmente, ainda consultando a economista, o barril de petróleo é vendido por um valor variando, em geral, entre US \$130, com previsão de encerrar o ano em US \$200 se a guerra não acabar. Putin invadiu outro país, desrespeitando a soberania nacional de outro território, e sofreu sanções por isso. Tudo contribuiu para aumentar o preço dos combustíveis. E a Petrobras, desde 2016, pratica a política de paridade internacional de

preços. Na prática, os combustíveis são revendidos aos postos pelo preço internacional – cotado em dólar e mais caro devido ao contexto mundial. E, embora tenha dito que vai privatizar a petrolífera, apurações externas apontam que essa não é a verdadeira vontade do mandatário. Mas fato é: a crise dos combustíveis - a questão econômica de um modo geral – é motivo de insônia para Bolsonaro. Seu governo nunca esteve tão fragilizado e carente de apoio popular e parlamentar.

Nossa economia vai de mal a pior. Quem acreditou que a saída de Dilma resolveria a crise, deve se sentir confuso. Afinal, o que aconteceu? O gás de cozinha passa dos R \$100, as pessoas cozinham em fogão a lenha, quando têm o que comer. A fome voltou a assombrar e já passa de 33 milhões o número de brasileiros que dormem e acordam sem um pão para saciar sua fome. Vi, pela primeira vez, uma fotografia de pessoas

mendigando pedaços de ossos, para sentir pelo menos um gostinho de carne em suas comidas. A cesta básica passa de R \$800. E o salário mínimo estagnado em R \$1.200.

As pessoas estão passando fome. Essa é a realidade na forma mais pura. Mas Bolsonaro e Paulo Guedes, insistem na falácia de que o Brasil está decolando, que nosso crescimento econômico é superior à média global. Ao mesmo tempo, pede ou quase implora aos donos de grandes mercados, que *"congelem os preços até o final do ano"*, para *"ajudar o nosso povo"*. Deixar de lado o lucro? Será que aceitarão? Acredito que não. Mas o pedido revela duas coisas evidentes. Nossa economia não está decolando, se o povo precisa de ajuda. A outra é que Bolsonaro se sente ameaçado, sente que pode perder as eleições, caso contrário não tentaria reduzir ou congelar os preços nos mercados.

E daqui cabe uma dúvida. Se Guedes e Bolsonaro considerarem abusivos os reajustes de preços nas prateleiras, veríamos os fiscais do Sarney na ativa de novo, dessa vez como fiscais do Bozo?

CAPÍTULO V

Augusto Aras: o “protetor” geral da República e os defensores governistas

Em alguns momentos é possível confundir as atribuições da Procuradoria Geral da República durante o governo Bolsonaro. Isto porque em alguns vários momentos, o procurador geral, Augusto Aras, se comporta mais como se estivesse na Advocacia Geral da União. Até a data em que escrevia esse artigo, 104 pedidos de investigação contra o presidente da República haviam sido arquivados. Todos vindos do STF (Ou seja, o número é ainda maior se considerar os outros pedidos de outras instituições).

É fácil se gabar com o discurso anticorrupção e se vangloriar de um governo “*sem corrupções*”, quando as investigações sequer ocorrem. A sacada de colocar alguém “fechado” com ele na PGR foi premeditada e muito bem pensada para quem deseja se blindar contra investigações. E assim, Bolsonaro se blindou.

Aliás, a PGR não foi o único órgão a ser aparelhado pelo bolsonarismo. Polícia Federal, PGR, Câmara dos deputados... Todos fiéis protetores de Bolsonaro. Claro que o capitão reformado nunca escondeu seu projeto pessoal de poder e deixou claro, ainda na reunião ministerial de 22 de abril de 2020, que trocaria alguém da ponta antes que “*foddessem*” alguém da família dele. Sim, esse foi o linguajar usado em um evento oficial do presidente da República com seus respectivos ministros em órgão público.

O principal, ou pelo menos o mais sério dos problemas, é o excesso de confiança que Bolsonaro adquiriu com toda essa proteção. Suas falas autoritárias ganharam mais intensidade e o presidente se sentiu livre para se colocar acima da lei.

Suas *lives* ganharam um caráter acusatório mais grave. Em alguns momentos acusações sem o menor sentido, como por exemplo associar vacinas à contaminação com o vírus HIV – o que rendeu mais pedidos de investigações e um provável inquérito que ainda pautará os jornais. Mas, além do negacionismo nato, a escalada de acusações pessoais cruzaram um limite nunca antes visto nessa democracia. Bolsonaro ataca ministros do Supremo Tribunal Federal, especialmente os ministros Alexandre de Moraes e Edson Fachin, com ofensas baixas e perigosas. Atiçou seu eleitorado a vários tipos de violência.

Seu alvo preferido, porém, foi a Justiça Eleitoral e as urnas eletrônicas. Vale ressaltar que durante as eleições de 2022 Moraes foi o presidente do TSE. Mas as indagações levantadas pelo mandatário já foram reiteradas vezes superadas. As urnas são auditáveis e não são passíveis de ataques

hackers. Mas porque Bolsonaro insiste no discurso de fraudes eleitorais? E além... O que pretende, ao convocar embaixadores ao Palácio do Alvorada para divulgar *fake news*?

Estratégia, seja para construir um discurso de injustiça e, assim, não sair tão humilhado ou para tentar um golpe de Estado.

Mas é necessário, também, pensar no que ganha o procurador com toda essa história. Como a ampla maioria dos políticos brasileiros, Bolsonaro é bom de promessas. Enquanto presidente, o capitão teve duas indicações de ministros ao Supremo Tribunal Federal. A época de sua campanha, ainda em 2018, esbravejava que seu ministro no supremo seria “terrivelmente evangélico”. Em setembro de 2020, Bolsonaro comunicou à Corte que sua indicação era o jurista piauiense Kássio Nunes Marques, para substituir o ministro Celso de Mello.

Os evangélicos não ficaram muito satisfeitos, afinal, Nunes Marques é católico e a promessa de Bolsonaro não se cumpriu, além do fato de Nunes Marques não ser uma figura de nome conhecido.

Em julho de 2021, Bolsonaro fez sua segunda indicação para a maior instância jurídica do país. O paulista André Mendonça, de 49 anos, ex-ministro da justiça e, além de pastor presbiteriano, acompanhava Bolsonaro em vários eventos religiosos, seria o ministro “terrivelmente evangélico”. Sua posse, porém, foi conturbada e o senador Davi Alcolumbre retardou o máximo de tempo possível a sabatina de Mendonça, alegando que o ideal seria aguardar o pleito de 2022 e que a indicação ocorresse somente no próximo mandato. A manobra não deu certo e em dezembro de 2021, Mendonça foi empossado como ministro da Suprema Corte.

Nesse meio tempo, Aras tinha a expectativa, ou no mínimo a esperança de se tornar o próximo integrante da corte. Mas a proximidade de Bolsonaro com Nunes Marques garantiu para este a primeira vaga. O aceno aos evangélicos era necessário, ainda mais num momento de crise para o governo de Bolsonaro, com queda na popularidade, o fizeram nomear Mendonça para a segunda vaga. Quando Alcolumbre tentou embargar a nomeação do segundo nome, Aras prontamente se apresentou caso algo desse errado, o que não ocorreu. Mas se reeleito, Bolsonaro contaria com mais uma indicação à corte. Nessa expectativa está o maior trunfo de Bolsonaro para manter o fiel apoio de Aras. Uma troca de favores entre presidente e procurador. Me proteja e te colocarei no lugar onde todos os juristas almejam chegar.

Outros fatores também corroboram para a preferência de Bolsonaro em manter Aras na PGR por mais um tempo, afinal, o procurador já demonstrou em diversas ocasiões que não hesitaria em colocar a mão no fogo pelo mandatário. Provas disso não faltam. A comunidade jurídica recomenda, assim como a própria PGR, que o procurador geral fique no cargo por três anos sem recondução (apesar de esta ser permitida). Além disso, recomenda que nenhum jurista utilize da procuradoria como um trampolim para outros tribunais, como o STF.

A PGR é um contrapeso de poder, afinal, uma das atribuições do Procurador é processar autoridades como ministros, deputados e o presidente da República. Por isso mesmo é que a nomeação para cargo vem, em geral, de uma lista tríplice criada pela Associação Nacional de Procuradores da República. Bolsonaro, porém,

ignorou essas recomendações e além de indicar um nome que não constava na lista, em setembro de 2021 o reconduziu ao cargo. O resultado não poderia ser outro. A ministra do Supremo Tribunal Federal, Rosa Weber, ao negar um pedido de Aras para arquivar inquérito que envolvia Bolsonaro em crime de prevaricação na compra de vacinas, disse que nas atribuições do procurador geral da República não se vislumbrava o papel de espectador. Aras manteve silêncio, ainda, sobre ataques à democracia e as urnas eletrônicas. Sua inércia no cargo fizeram com que pessoas do judiciário cobrassem respostas.

Em agosto de 2021, um grupo de subprocuradores aposentados enviaram ao Conselho Superior do Ministério Público Federal (CSMPF) um ofício criticando a atuação de Aras e pedindo uma investigação por omissão. O documento diz: *Acontece que o atual Procurador Geral de República, Antônio Augusto Brandão Aras, não cumpre com essa*

relevante missão constitucional, deixando de agir, ou agindo com deliberada tibieza e tergiversação em determinados casos.

O documento ainda diz que os fatos, além de óbvios, são suficientes para indicar que “*o Procurador Geral da República por si só, ou por intermédio de pessoas da sua estreita confiança, vem, sistematicamente, deixando de praticar, ou retardando, a prática de atos funcionais para favorecer a pessoa do Presidente da República ou de pessoas que estão no entorno de marcada confiança*”.

Aras rebateu afirmando que desempenha um papel independente e luta contra as cordas esticadas, o excesso de poder e para evitar que injustiças aconteçam. Além de tratar as críticas por sua atuação como discursos politizados, como se ele próprio não fosse politizado.

Essa é uma razão plausível para compreender as endossadas de Aras aos possíveis crimes que Bolsonaro cometeu no exercício do mandato. Aras, de certa forma, se vendeu pelo poder, o que não o faz diferente de Bolsonaro. Juntos, eles levam o Brasil para um poço de irresponsabilidade jurídicas, tirando a credibilidade do nosso judiciário e afetando, ainda mais, a confiança de investidores.

Outros também desempenham papel fundamental na sólida blindagem que Bolsonaro construiu para seu mandato. O alagoano Arthur Lira foi eleito em 2021 com 302 votos, 45 além do necessário para confirmar sua vitória em primeiro turno. Seu principal adversário na disputa, o então presidente nacional do MDB, Baleia Rossi, ficou em segundo com 145 votos. Faltou muito para que um provável segundo turno fosse disputado. O fato se dá, principalmente, pelo apoio do presidente Jair Bolsonaro à Lira.

Líder do centrão, Lira prometeu, quando eleito, neutralidade na condução dos trabalhos legislativos. O tempo, porém, revelou que suas intenções são para além do bem comum nacional e focam, principalmente, na manutenção do poder e no endosso aos caprichos do presidente Bolsonaro.

Há de se concordar que Arthur Lira, em alguns momentos, bem menos que o presidente do senado, Rodrigo Pacheco – que também recebeu apoio do presidente para sua ascensão ao cargo – criticou alguns posicionamentos de Bolsonaro. Em julho de 2022, o presidente da Câmara repudiou atos de violência em manifestações políticas. A fala ocorreu após uma sequência de ataques a manifestações em favor do PT e do ex-presidente Lula, por parte do bolsonarista. Alguns dos eventos envolveram até um apoiador de Jair Bolsonaro atirando fezes contra os manifestantes.

Mas se ele se recorda, ainda que brevemente, de sair em defesa dos princípios constitucionais que garantem a ordem institucional de um lado, do outro, Lira é tão danoso ao Brasil quanto o chefe do executivo nacional. A saber, em 9 de agosto de 2021, numa terça-feira, Lira pautou para votação em plenário uma proposta de emenda à constituição (PEC) cujo objetivo era instituir o voto impresso no Brasil. Um dos desejos de Bolsonaro que, reiteradamente, levanta suspeitas sobre o sistema eleitoral brasileiro (um dos mais seguros e exemplares do mundo), com suas teorias de conspiração e mentiras, no estilo Donald Trump de ser.

No mesmo dia em que seria votada, o que por si só já é ultrajante à nação, tanques de guerra passearam pela Esplanada dos Ministérios e outras vias de acesso do Plano Piloto. A justificativa era a entrega de um convite ao presidente Jair Bolsonaro

para que participasse de exercícios militares. A tentativa de intimidação não deu certo e a PEC foi rejeitada – embora a comissão especial da Casa já tivesse emitido parecer desfavorável à proposta. Lira, por sua vez, disse que os tanques não passavam de uma infeliz coincidência, mesmo com as falas de Bolsonaro que indicavam um golpe.

Apesar da notoriedade de Lira ganhar força durante seu exercício de presidente da Câmara dos deputados, ele é um político de carreira e, por isso, conhece bem a importância de trunfos para assegurar e expandir seu poder, especialmente quando se trata de política no Brasil. Ele é filho de Benedito de Lira, um dos políticos mais influentes de Alagoas. Lira também foi um dos homens de confiança de Eduardo Cunha e quando este caiu, Lira tornou-se o rei do centrão. Seu controle sob o presidente é exercido de uma maneira muito sutil. O presidente da câmara é o único com poder para

pautar um pedido de impeachment de presidente da República.

Lira engavetou, até julho de 2022, 144 pedidos de impeachment contra Bolsonaro. Para além de assegurar o mandato do presidente, Lira ganha poder de barganha. Imagine uma desavença entre o capitão e presidente da câmara, no estilo Bolsonaro vs. Rodrigo Maia. Como seria para Bolsonaro caçar briga com quem possui poder de abrir pedidos de impeachment, e mais que isso, com 140 somados? Bolsonaro não é tão estúpido.

Assim, o centrão ganhou poderes imagináveis, como controle do orçamento e emendas de relator, atropelou o regimento para aprovação de matérias favoráveis ao planalto, passou por cima de decisões jurídicas (Como manter o pagamento das emendas mesmo após decisão do Supremo Tribunal Federal para suspender) ou,

ainda, passar por cima da constituição e aprovar benefícios sociais, estourando o teto de gastos, em ano eleitoral.

Esta última, em especial, pode garantir, certamente, um respiro, uma sobrevida à Bolsonaro para o pleito. Até agora, agosto de 2022, Bolsonaro tinha uma desvantagem de quase 18 pontos percentuais em relação a Lula. Mas com as bondades aprovadas pelo Congresso, isto é, auxílio Brasil de 600 reais, vale gás e vale combustível para caminhoneiros e taxistas, Bolsonaro deve melhorar seu desempenho. A aprovação da PEC demonstra que a tendência da Câmara é pela manutenção do governo. Por outro lado, tem a fome e a miséria assolando o país e o povo. Então, ou seja, imagina votar contra a criação de um benefício social que poderia acabar com a fome de um povo? Não pegaria bem para o eleitorado de ninguém.

Lula defende, também, o auxílio. Claro que o homem responsável pelo maior e mais eficiente programa de distribuição de renda, a saber o Bolsa Família, não poderia ser contra o benefício. Lula, mas que qualquer outro político brasileiro, entende as condições de sobreviver na extrema pobreza. Mas é preciso salientar que os motivos que levaram o petista a estruturar e regulamentar o bolsa família foram legítimos. Uma preocupação real com a fome, a miséria e a desigualdade social. Outros fatores, como matrícula regular e presença escolar, eram diferenciais do programa social sancionado por Lula. Bolsonaro só se preocupou com votos.

Mas para além do benefício, que é indispensável à algumas famílias, é indispensável ao país fechar a conta no final do ano. Aqui encontra-se, provavelmente, a maior problemática do Auxílio Brasil e da câmara sobre controle do centrão. O teto de gastos, assim como a legislação

eleitoral foram para o espaço. O dinheiro foi disponibilizado, mas sem certeza de onde viria. Corte de impostos também foram essenciais para um respiro da economia.

Bolsonaro conseguiu, no momento mais crítico, um alívio. Os efeitos positivos na economia chegaram bem a tempo de mudar a opinião de quem, talvez, não tenha certezas em quem votar. Faltando três meses para a eleição, o que se observava pelas ruas do Brasil é uma queda, embora singela, do preço dos combustíveis, redução da inflação sobre alguns produtos e por aí vai. Mas resta saber, qual o preço das bondades? Essa conta há de chegar e a dúvida que fica é se o Brasil terá caixa para quitar seus débitos.

CAPÍTULO VI

A política de morte

É muito provável que o feito mais inesquecível de Bolsonaro, aquele que perdurará gerações e será o grande destaque nos futuros livros de história, é seu comportamento e gerência durante a pandemia de Covid-19. Não apenas por se tratar de um tema global, que afetou o funcionamento de todos os governos pelo mundo, mas, ainda, pela catástrofe que a crise se transformou por aqui.

Atrás da Índia e Estados Unidos, o Brasil somou, até julho de 2022, mais de 670 mil mortes pela doença. E, no auge da crise, ao invés de se preocupar em adquirir vacinas e incentivar as medidas de proteção, o presidente se ocupou em tapar os olhos para a realidade e desacreditar da ciência, incentivando a política de morte. Ele não agiu como deveria. E com “dever” me refiro ao

dever de um presidente, isto é, a necessidade de ação em respeito à lei.

Essas foram algumas frases de Bolsonaro durante a pandemia:

26 de janeiro de 2020 – 50 dias antes do primeiro óbito

“Não é uma situação alarmante”

9 de março de 2020 – Uma semana antes do primeiro óbito

“Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado o poder destruidor desse vírus. Então talvez esteja sendo potencializado até por questões econômicas”.

10 de março de 2020

“Muito do que tem ali é muito mais fantasia. A questão do coronavírus, que não é tudo isso que a mídia propaga”.

“Eu não sou médico, eu não sou infectologista. Mas o que eu vi até o momento, outras gripes mataram mais do que essa”.

15 de março de 2020

“Não podemos entrar numa neurose, como se fosse o fim do mundo”.

“Tivemos vírus muito mais graves que não provocaram essa histeria. Certamente tem uma questão econômica nisso”.

“Cancelar jogos de futebol contribui para o histerismo. Cancelar não vai conter o vírus. A economia não pode parar. Vai gerar desemprego”.

17 de março de 2020

“Eu não vou ficar preso dentro do Alvorada. Se eu resolvi apertar a mão do povo, é um direito meu”.

“O que é que se dá atenção? Morreu de coronavírus. É que o coronavírus chegou por último e aquela pessoa já estava bastante debilitada. Agora tem que se levar em conta como um todo do que aquela

pessoa faleceu. Se fosse outra gripe qualquer, poderia ter falecido também”.

“É como uma gravidez, um dia vai nascer a criança. E o vírus ia chegar aqui um dia, acabou chegando”.

19 de março de 2020

“É grave, é preocupante, mas não chega ao campo da histeria ou de uma comoção nacional. E é dessa forma que nós encaramos essa questão”.

“Já tivemos problemas mais graves no passado que não teve essa comoção toda, ou repercussão toda, por parte da mídia brasileira”.

22 de março de 2020

“Há um alarmismo muito grande por parte da mídia. Alguns dizem que estou na contramão. Estou naquilo que acho que tem que ser feito. Posso estar errado, mas acho que deve ser tratado dessa maneira”.

“É uma crise fabricada pela imprensa”.

“A previsão é não chegar a essa quantidade de óbitos no tocante ao coronavírus”. – na ocasião, o número previsto pelo mandatário era 790 óbitos

23 de março de 2020

“Brevemente o povo saberá que foi enganado por esses governadores e por grande parte da mídia na questão do coronavírus”.

24 de março de 2020

“Nada sentiria ou seria, quando muito. Acometido por uma gripezinha ou resfriadinho”.

“O que se passa no mundo têm mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima de 60 anos. Então, por que fechar escolas?”

25 de março de 2020

“Se nós nos acovardamos, formos para o discurso fácil, todo mundo em casa, vai ser o caos,

ninguém vai produzir mais nada, desemprego tá aí, vai acabar o que tem na geladeira”.

26 de março de 2020

“Não posso afirmar porque não sou médico nem pesquisador, mas pelas informações que eu tenho, as informações é que deu certo. Nós vamos vencer essa onda e o Brasil vai crescer” - Na ocasião, Bolsonaro comentava sobre o uso de hidroxicloroquina para tratamento da Covid-19; o que foi rechaçado por médicos, pesquisadores e associações de infectologistas.

“Queremos que não haja morte por causa do vírus. Mas esse vírus é igual chuva: fechou o tempo, deu trovoada, você vai se molhar. E vamos tocar o barco. Não vou minimizar a gripe. Se bem que, dizem

os infectologistas, para 90% das pessoas é quase nada. Falar gripezinha não pode".

“Ele [brasileiro] não pega nada. Você vê o cara pulando no esgoto. Ele sai, mergulha e não acontece nada com ele”.

“Atenção povo do Brasil. Esse pessoal diz que eu estou errado e tem que ficar em casa. Aí eu pergunto, o que vocês estão fazendo aqui? Imprensa brasileira o que vocês estão fazendo aqui. Estão com medo do Coronavírus não? Vão pra casa”. –
Bolsonaro se dirigia a jornalistas que faziam a cobertura no palácio do alvoreada.

27 de março de 2020

“Não estou acreditando nesses números”. –
sobre a divulgação do número de óbitos.

30 de março de 2020

“Parece que há interesse por parte de alguns governadores de inflar o número de vitimados do vírus. Daria mais respaldo para eles, para justificar as medidas que eles tomaram”.

10 de abril de 2020

“Eu tenho o direito constitucional de ir e vir. Ninguém vai tolher minha liberdade de ir e vir” –
sobre as medidas de restrições adotadas para conter a disseminação do vírus.

16 de abril de 2020

“Dizem que 60% dos brasileiros foram ou serão infectados, e a partir desse momento poderemos dizer que estamos livres do vírus, tendo em vista esse percentual grande de pessoas que conseguiram os anticorpos”.

20 de abril de 2020

“Ó cara, quem fala de... Eu não sou coveiro, tá certo!” – Respondendo a jornalista após ser questionado sobre o número de mortos. – à época, o Brasil contabilizava mais de dois mil óbitos

28 de abril de 2020

“Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que

perderam seus entes queridos, que a grande parte eram pessoas idosas, mas é a vida. Amanhã vou eu. Logicamente que a gente quer, se um dia morrer, ter uma morte digna, né? E deixar uma boa história para trás”.

“Mortes vão haver. Ninguém nunca negou que haveria mortes”.

“E daí? Quer que faça o que? Eu sou Messias, mas não faço milagre”.

29 de abril de 2020

“O Supremo decidiu que quem decide essas questões são governadores e prefeitos. Então, cobrem deles. A minha opinião não vale. O que vale são os decretos dos governadores e prefeitos”.

19 de maio de 2020

"Quem é de direita toma cloroquina. Quem é de esquerda toma Tubaina".

3 de junho de 2020

"A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo".

20 de junho de 2020

"O Brasil está mudando, demos azar com essa pandemia, mas vamos sair dessa" .

23 de junho de 2020

“Alguns estão falando que isso vai durar até 2022, imagina? Vai empobrecer todo mundo. Se continuar com essa política que está aí, empobrece todo mundo”.

6 de agosto de 2020

“A gente lamenta todas as mortes, está chegando ao número 100 mil... Mas vamos tocar a vida e buscar uma maneira de se safar desse problema”

9 de agosto de 2020

“Temos a consciência tranquila. Com os meios que temos, podemos realmente dizer que fizemos o possível e o impossível para salvar vidas”.

20 de agosto de 2020

“Tem algum médico aí? A eficácia dessa máscara é quase nula”.

8 de setembro de 2020

“A gente não pode injetar qualquer coisa nas pessoas e muito menos obrigar. Eu falei, inclusive, que ninguém vai ser obrigado a tomar vacina, e o mundo caiu na minha cabeça. A vacina é uma coisa que, no meu entender, você faz a campanha e busca uma solução. Você não pode amarrar o cara e dar a vacina nele. Eu acho que não pode ser assim”.

11 de novembro de 2020

“Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, lamento. Todos nós

vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas. Olha que prato cheio para a imprensa. Prato cheio para a urubuzada que está ali atrás”.

“Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Dória queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la”.

12 de novembro de 2020

“Sobre a vacina, parece que tem coisa esquisita aparecendo, mas não vou falar, para evitar polêmica”.

“E agora tem essa conversinha de segunda onda”.

24 de novembro de 2020

“Pergunta pro vírus”. – Resposta do presidente quando perguntado sobre a manutenção do auxílio emergencial.

26 de novembro de 2020

“Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar”.

12 de dezembro de 2020

“Não deixem que pânico nos domine, a nossa liberdade não tem preço, ela vale mais que a nossa própria vida”.

17 de dezembro de 2020

“Se você virar um chi... Virar um jacaré, é problema de você, pô. Não vou falar outro bicho, porque vão pensar que eu vou falar besteira aqui, né?”.

19 de dezembro de 2020

“A pressa para a vacina não se justifica, porque você mexe com a vida das pessoas”. – À época, o Brasil contabilizava 186.365 mortos.

23 de dezembro de 2020

“Eu tive a melhor vacina, foi o vírus. Sem efeito colateral”.

1 de janeiro de 2021

“No meu caso particular, como eu já fui infectado e tenho anticorpos. Eu não vou tomar a vacina”.

4 de março de 2021

“Tem idiota que a gente vê nas mídias sociais, na imprensa, né?... Vai comprar vacina. Só se for na casa da sua mãe”.

8 de março de 2021

“Vou só dar um recado aqui: alguns querem que eu decreto lockdown. Não vou decretar. E pode ter certeza de uma coisa: o meu Exército não vai para a rua para obrigar o povo a ficar em casa”.

8 de julho de 2021

“Sabe qual a minha resposta? Caguei. Caguei para a CPI, não vou responder nada!” – Sobre a CPI da pandemia.

8 de setembro de 2021

“Muitas tinham alguma comorbidades, então a Covid apenas encurtou a vida delas por alguns dias ou algumas semanas”. – Sobre as vítimas da pandemia.

24 de dezembro de 2021

“Não tá havendo morte de criança que justifique algo emergencial”. – Sobre a morte de crianças por Covid e a compra de vacinas pediátrica”.

É evidente, pelo próprio comportamento, falas e posicionamentos de Bolsonaro, seu desprezo pela vida e por seus conterrâneos. A tragédia da Covid, para a humanidade foi sem precedentes. No Brasil, a maior tragédia humanitária que já vivenciamos. Fotos entrarão para a história, como a de sepulturas coletivas abertas por um trator, em cemitérios de Manaus.

Em junho de 2021, um grupo de pesquisadores publicou um estudo intitulado “Mortes Evitáveis Por Covid-19 no Brasil”. Elaborado com o apoio do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, o estudo apontou que mais 305 mil mortes pela doença poderiam ter sido evitadas, caso o Governo Federal tivesse adotado outra postura para o enfrentamento da doença. Isto é, investimentos em ações preventivas, como incentivar o uso de máscaras, preparar o sistema de saúde para atender adequadamente e no intervalo

de tempo mais apropriado e, inevitavelmente, a distribuição mais rápida possível de vacinas.

Bolsonaro fez o contrário em todos os cenários, pois acreditava fielmente que imunidade de rebanho – uma falácia em acreditar que o vírus perderia força quando a maioria da população desenvolvesse anticorpos a partir da infecção – seria mais efetivo, mais barato e mais fácil que lutar contra o vírus e, ao mesmo tempo, zelar pelos mais pobres.

Mas para além de sua necropolítica durante a crise sanitária, seu governo matou, ainda, de outras formas.

Ainda em 2018, esbravejava que a petralhada deveria ser fuzilada. Antes disso, dizia que a cura da homossexualidade seria uma boa surra, ou boas surras, durante a infância. Além de afirmar que não

estuprou sua colega parlamentar pois ela não “merecia”.

Era óbvio que um homem adulto não iria mudar seu posicionamento só porque se sentou na cadeira de presidente. Bolsonaro não tem decoro ou respeito pelo cargo que ocupa. Ele sequer entende, na totalidade, quais atribuições lhe são delegadas. Por isso, não foi surpresa quando mandou jornalistas calarem a boca, ou ser homofóbico e ou sexistas com os comunicadores. A todo instante, Bolsonaro incentiva a violência e seu eleitorado se sente legitimado, endossado pelo ódio do presidente.

Um grupo amplamente defendido pelo capitão são os garimpeiros e madeireiros que vivem, principalmente, na região da floresta Amazônica. Ainda em campanha para sua eleição à presidência, Bolsonaro dizia que se eleito, daria uma foçada na Funai. Em uma de suas lives semanais, ele disse

“prometi e cumpri” se referindo ao tema. E de fato, ao observar os acontecimentos em reservas florestais nos últimos três anos, nota-se um desmonte da Fundação, bem como uma escalada na perseguição aos povos originários.

Há tempos, sociedades organizadas vêm clamando atuação efetiva do poder público no combate aos destruidores da floresta – e aqui incluem os grileiros, posseiros, garimpeiros e madeireiros - antes que uma tragédia ocorresse. Nesse meio tempo, a tragédia já estava acontecendo. Mesmo sem repercussão, crianças indígenas desapareciam sem deixar rastros, balsas de garimpo ilegal bloqueavam rios inteiros, aldeias eram incendiadas. Vez ou outra, um desses fatos era noticiado na grande mídia, mas logo cedia lugar para algo de “*maior relevância*”. Comumente, esse fato mais importante era criado pelo próprio presidente,

atacando algo ou alguém de maneira mais incisiva,
e assim desviava o foco da mídia e da população.

PARTE II

O PLEITO

**A corrida ao planalto: alianças, desistências
e articulações**

**Os dois lados da polarização e o fracasso da
terceira via**

O primeiro e o segundo turno

O resultado e as repercussões

CAPÍTULO VII

Os candidatos, os abdicados e o chutado

Oficialmente, a campanha eleitoral só começou em 16 de agosto de 2022, 46 dias antes do primeiro turno. Isto porque a legislação eleitoral diz que os cidadãos que pretendem se lançar a cargos eletivos não podem pedir, diretamente, voto aos eleitores antes do prazo. Entretanto, podem se apresentar como pré-candidatos e partir daí fazer uma pré-campanha e chamar o eleitor, desde que não expressem diretamente o “vote em mim” ou “lá, vamos resolver o Brasil” ou, sequer, o número de seu partido.

Por isso mesmo, candidato algum espera o período para começar sua campanha, afinal, 46 dias é muito pouco para se fazer conhecido suficiente ou chamar atenção de eleitorado suficiente para sair vitoriosos nas urnas.

É possível observar, desde antes de 2022, movimentos políticos que visavam o pleito de

outubro. Bolsonaro, desde que foi eleito, praticamente trabalhava por sua reeleição, embora os últimos levantamentos tenham demonstrado que sua efetividade foi aquém do desejado.

Lula, desde que foi preso, também trabalhava nesse sentido. Seu discurso sobre o tempo revelar as injustiças que sofreu e as parcialidades no julgamento de Moro, embora verídicos por um lado, são, ainda, narrativas políticas.

Desde o início do ano, havia em alguns eleitores a expectativa de que o foco saísse da polarização entre Lula e Bolsonaro, ou num plano macro, entre o PT e o Bolsonarismo. A mídia nomeou esse nome de escapa a polarização como “a terceira via”, já que o caminho até o planalto só tinha dois nomes de peso até então.

A campanha deste ano contou, inicialmente, com 12 presidenciáveis - até o dia em que escrevi

esse artigo (16 de agosto) -. Um candidato a menos em relação ao pleito de 2018. Entretanto, antes do período de regulamentar os candidatos no TSE se esgotar, 17 nomes entregavam a lista de possíveis presidenciais.

O ex-juiz Sérgio Moro e o ex-governador de São Paulo, João Doria, são dignos de atenção especial.

Sérgio Moro ganhou uma extrema visibilidade e notoriedade por sua atuação como juiz federal na maior investigação policial de combate a corrupção no país, a operação Lava-Jato. Prendeu políticos e empresários e condenou mais tantos outros. O ex-governador do Paraná, Beto Richa, ex-presidente da câmara dos deputados, Eduardo Cunha, o ex-tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, o ex-ministro da casa civil, José Dirceu, o presidente da empreiteira Odebrecht, Marcelo Odebrecht, o

ex-diretor da área internacional da Petrobrás, Nestor Cerveró, o ex-diretor de abastecimento da petrobras, Paulo Roberto Costa, o ex-homem mais rico do Brasil, Eike Batista, e o ex-presidente Lula, foram alguns nomes relevantes condenados pela operação e por seu juiz. Lula, como é sabido, teve a condenação anulada por entendimento do STF que havia falhas processuais e parcialidade do Juiz.

Moro, logo que abriu caminho para a vitória de Bolsonaro em 2018 – afinal, como era apontado nas pesquisas, Lula ganharia em todos os cenários – especulou-se que o jurista entregaria a equipe de governo de Bolsonaro, embora Moro tenha afirmado aos jornalistas, em recorrentes oportunidades, que lutava pela nação, pelos brasileiros e pelo fim da corrupção e por isso, não abandonaria o posto de Juiz Federal. “Jamais serei candidato”, ele dizia.

Mas assim que Bolsonaro foi eleito e apresentou seus ministérios, lá estava ele, o agora ex-juiz Sérgio Moro, no posto de Ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil. Moro, como tantos outros, foi enganado por Bolsonaro e suas mentiras. O ex-juiz acreditava que ampliaria sua rede de combate à corrupção, afinal, era o que pregava Bolsonaro durante sua campanha. Gosto de comparar sua decepção ao do personagem ficcional de Wagner Moura, o capitão Nascimento, em tropa de elite ². No primeiro filme de José Padilha, Nascimento luta para combater o tráfico de drogas (essa seria a vida de Moro enquanto juiz, atuando no combate à corrupção). Na sequência, lançado em 2010, Nascimento volta, agora como Secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Na pasta, ele percebe que, para além do tráfico de drogas, as milícias fortalecem a distribuição de narcóticos, lucrando com eles. A partir daí, Nascimento percebe

que é incapaz de acabar com a criminalidade nos morros, pois a origem dela está dentro do sistema de segurança pública. No fim das contas, Nascimento percebe que a justiça só pode ocorrer quando os poderosos caírem. Com Moro, a história foi parecida, pois assim que chegou ao Ministério, percebeu que a corrupção não poderia ser extirpada, inclusive por vontade do próprio mandatário.

Na reunião ministerial de 22 de abril, Bolsonaro disse claramente que trocaria pessoas de ponta, antes que seus filhos e amigos fossem investigados, e que se fosse necessário trocaria, inclusive, o ministro. Nesse momento, Bolsonaro chega a dar uma olhada de canto para o assento onde se encontrava o ministro de Segurança Pública, na ocasião, Moro.

Com o tempo, o ex-juiz percebeu que sua imagem foi meramente usada para propaganda

política, pois a população via Moro, em 2018, como herói. Bolsonaro, todavia, não possuía intenções verídicas de zerar a corrupção, e assim, ele decidiu abandonar o barco. Mas ele ainda tentaria uma última cartada contra o presidente e para anunciar sua saída do governo, convocou uma coletiva de imprensa onde expôs as tentativas de interferência de Bolsonaro em várias esferas da polícia federal. Isso foi um escândalo, mas com o poder da máquina na mão, e num momento em que não era tão criticado pelos eleitores, Bolsonaro aniquilou as bombas lançadas por Moro, se livrou de investigações e ainda acabou com a popularidade do ex-juiz e agora ex-ministro, visto pelos bolsonaristas raiz como traidor e comunista.

Mas em 2022, com a fagulha das eleições acesa novamente, um pequeno grupo clamou pelo nome de Moro na corrida presidencial. Seu papo foi o mesmo de 2018: lutar contra a corrupção. A

diferença, porém, que Moro não se atentou, é que o foco em 2022 seria economia e fome, não mais corrupção. Pré-candidato pelo Podemos, ele teve um baixíssimo desempenho nas pesquisas, sendo rejeitado pelo eleitorado de Lula e Bolsonaro. Por isso, foi um dos primeiros nomes a abandonar a corrida presidencial, comunicando sua desistência ao Palácio do Planalto em 31 de março de 2022.

Entretanto, naquele dia, ele se filiou ao União Brasil (Junção do PSL com DEM) e, futuramente, se lançaria como candidato ao Senado pelo Paraná. E mais uma vez, quebrou a promessa de que jamais seria candidato.

O caso do ex-governador de São Paulo, João Doria, é mais singular. Doria, em 2018, surfou na maré do bolsonarismo. Chegou a se denominar de “Bolsodoria” e foi um dos maiores palanques para a eleição de Bolsonaro naquele ano. Logo, porém

tornou-se um dos maiores opositores ao presidente. A pandemia foi um diferencial. Doria, quando percebeu a expectativa de vacinação do povo brasileiro em contraste com a procrastinação do governo federal em atuar adequadamente no combate à pandemia, viu a oportunidade de ganhar visibilidade nacional. De fato, graças ao plano de ação de João Doria foi que o Brasil recebeu as primeiras doses de uma profilaxia eficaz contra a Covid-19, numa importante parceria entre laboratórios farmacêuticos e o Instituto Butantan. Mônica Calazans, enfermeira, foi a primeira pessoa vacinada no Brasil contra a doença; e lá estava o governador tucano, posando para a foto, enquanto o presidente gritava aos quatro ventos que não tomaria “essa vaChina” – num claro tom pejorativo à nação amiga.

As ações de João Doria, inclusive, foram precursoras para que o governo federal começasse a agir de maneira mais contundente.

Em 31 de março de 2022, o governador, em coletiva de imprensa, anunciou sua renúncia ao Palácio dos Bandeirantes e anunciou sua pré-candidatura ao Planalto. O PSDB, entretanto, desde que Aécio perdeu em 2014, foi assolado por disputas internas e rachas em vários diretórios estaduais. Enquanto João Doria agia rapidamente, Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul, já agia nos bastidores há mais tempo.

O diretório nacional do PSDB decidiu que o candidato do partido seria definido em eleição democrática com os filiados do partido. Uma eleição conturbada, marcada por falhas técnicas no software, acusações de fraudes, e atrasos... Vários atrasos.

No fim das contas, João Doria foi escolhido. A partir daí o ex-governador começou sua pré-campanha e suas articulações. Entretanto, não havia expressividade nas pesquisas e a estagnação de Doria começou a incomodar os tucanos.

Preciso lembrar, ainda, que no início de 2021, João Doria começou uma ofensiva contra o senador Aécio Neves, com o intuito de expulsá-lo do PSDB. Doria falhou, mas Aécio não deixaria o rancor e assim que Doria não mostrou ser o candidato que todos esperavam, as movimentações começaram.

Em maio, a senadora Simone Tebet, importante figura na CPI da Pandemia e protagonista em vários momentos da Comissão, anunciou que seria pré-candidata pelo MDB, partido do ex-presidente Michel Temer. Essa seria a fagulha que acenderia as chamas da traição.

Em nove de junho de 2022, o PSDB anunciou apoio à candidatura de Tebet, num acordo que envolveria o tucano Tasso Jereissati como vice na chapa. Assim, João Doria foi chutado pelo PSDB na campanha à presidente. A situação foi muito humilhante para Doria, que já rodava algumas propagandas em cadeia nacional.

A feição de Doria na coletiva que anunciou sua desistência à corrida presidencial era de frustração e indignação. Afinal, diferente do Moro que não tinha nada a perder, Doria era chefe do executivo estadual em São Paulo. Foi uma traição.

O próprio ex-governador apontou, em desabafo com aliados, que foi reverberado pela mídia, seu descontentamento com as lideranças do partido que cederam às pressões de Aécio. A tal “traição” culminaria, em 19 de outubro de 2022, na desfiliação de Doria do PSDB após 22 anos como

membro do partido. No comunicado, via Twitter, ele disse: “*cumpri minha missão político partidária pautado na excelência da gestão pública e em uma sociedade e menos desigual*”.

*

Além dos que abdicaram da disputa presidencial, e de João Doria que foi chutado, nomes conhecidos persistem. 2022 será a quarta tentativa de Ciro Gomes assumir o cargo mais relevante do país. As pesquisas, porém, indicam que novamente ele não terá êxito. Conversando com Marcelo, um colega de trabalho, que por sinal é cientista político, ele apontou que: “*a postura agressiva de Ciro o impede de crescer nas pesquisas. Sempre foi assim, e enquanto ele [Ciro] não parar de criticar tudo e todos, ele vai ser conhecido como o apelão que nunca chega ao segundo turno*”.

Além disso, outros fatores como a posição ideológica dificulta. Ciro atua como centro-esquerda, em alguns pontos mais como candidato de centro. Por isso, é difícil ganhar visibilidade entre os eleitores já consolidados na esquerda.

Simone Tebet também não tem decolado nas pesquisas. A explicação, segundo Marcelo, se dá principalmente pelo fato de Simone não ser conhecida no eleitorado brasileiro. Além de outros fatores, como a desconfiança do MDB, especialmente após o impeachment de Dilma, e o fato de ser mulher, num país marcado pela misoginia e machismo estrutural que se recusa a diminuir.

Outros candidatos também compõem o cenário eleitoral deste ano. Mas, tirando esses quatro (Bolsonaro, Ciro, Lula e Tebet), os outros

são figuras irrelevantes, sem probabilidade de vitórias. Mesmo sendo conhecidos, Ciro e Tebet, como explanei, também não apresentam muita probabilidade de escapar da polarização e chegar a um eventual segundo turno.

A última pesquisa Datafolha, de 18 de agosto de 2022, apontou as seguintes intenções de voto.

Lula (PT) – 47%

Jair Bolsonaro (PL) – 32%

Ciro Gomes (PDT) – 7%

Simone Tebet (MDB) – 2%

Não sabem – 2%

Branco ou nulo – 6%

Os outros candidatos aparecem com 1% ou 0%.

CAPÍTULO VIII

O velho conto de política

Este capítulo é em memória de Marcelo Arruda, morto
aos 50 anos, vítima de violência política

Diálogos construtivos. Essa é uma das propostas da democracia e de uma República consolidada. Como bem colocou o ministro Alexandre de Moraes, em sua posse como presidente do TSE, *“a democracia não é um caminho fácil, exato ou previsível, mas é o único caminho”*. Todavia, desde 2018, tem sido conturbado observar o processo democrático, especialmente pela intolerância vigente em alguns grupos. O fracasso da terceira via se dá, sobretudo, pela intensa polarização na qual o Brasil encontra-se mergulhado.

Dizer que não é adepto do bolsonarismo virou sinônimo de petista (ou comunista). Assim pensam os bolsonaristas, que em geral são mais fundamentalistas que os radicais de esquerda (até porque estes últimos são um quantitativo bem menor e a maioria não está associada ao PT, como

se especula). Mas uma coisa nada tem a ver com a outra e outros candidatos, com outros eleitores, existem. Embora o eleitorado de terceiros, ou da terceira via, são ínfimos. Bolsonaro e Lula subtraíram para si todo o foco do debate, que se acalorou com os últimos acontecimentos.

É um conflito muito evidente o debate entre direita e esquerda, o velho conto da política entre conservadores e progressistas. Mas, afinal, qual o saldo dessa polarização para a sociedade e para o Brasil?

Discutir direita X esquerda, no Brasil, é ainda muito prolixo. Isto porque, segundo o cientista político Fábio Reis, doutor em ciência política pela Universidade de Harvard, uma das mais renomadas instituições acadêmicas do mundo, a opinião partidária dos brasileiros é quase sempre sustentada por imagens simplificadas e difusas dos candidatos

ou dos partidos, e reitera que a digitalização da política, isto é, a política feita nas redes sociais, corrobora para a desinformação de ideologias partidárias.

Dessa forma, os apoiadores, especialmente os ultradireitistas, têm no imaginário social a associação da esquerda ao comunismo. Esse temor é similar ao que os americanos tinham durante o pós-guerra. Para o historiador e doutor pela Universidade Federal do Paraná, Daniel Trevisan, o discurso anticomunista foi uma das maiores manobras políticas do século XIX e foi revivido no Brasil de Jair Bolsonaro.

O próprio mandatário, na campanha de 2018, vociferava sobre a “*esquerda comunista*” que cercearia a propriedade privada e a liberdade de culto. De fato, a esquerda é mais voltada para um campo ideológico embasado nos conhecimentos e

contribuições de Karl Marx. A defesa do trabalhador, do proletariado, a busca por direitos mais justos e igualitários, mas nada de assombroso, como pregam os direitistas caçadores de comunistas.

Além da criação de um monstro que não existe, quando algo acontece, ou alguém vai contra o que dizem os líderes políticos desse grupo, logo eles tratam de classificar seus opositores como comunistas.

Veja, quando João Doria rompeu com Jair Bolsonaro, ou mesmo Sergio Moro, eles foram chamados de comunistas pelos apoiadores de Bolsonaro. É possível imaginar João Doria, um dos empresários mais bem-sucedidos do Brasil e um acumulador de capital, comunista? A piada já vem pronta.

O fato comprova, todavia, que a imagem de direita e esquerda, no Brasil, é extremamente vaga e sem fundamentos. Isso é prejudicial pois gera uma rixa desnecessária que agride o país e fere a nação. Mas é fomentada, a todo instante, por ambos os lados.

A narrativa que se construiu nos últimos anos foi a do bem contra o mal, nós contra eles. Isso rachou o Brasil ao meio. Ambos os lados se colocam como certos, justos, honestos, ideais para gerir a nação. A dialética aristotélica do contraditório, quando opiniões divergentes convergem em prol de um bem comum, foi abandonada.

Desde que foi eleito, inclusive, Bolsonaro governou para os seus. Não houve um único movimento ou discurso para aproximação e unificação nacional. Ele fomentou a polarização, incentivou e propagou a violência entre os seus.

Era noite de sábado, dia 9 de julho. A família de Marcelo não poderia imaginar desfecho pior para um dia onde a alegria era tido como certa.

Era o aniversário de 50 anos de Marcelo. A comemoração seria à noite, com amigos e familiares em sua residência, no município de Foz do Iguaçu, Paraná. Marcelo era guarda municipal e, além de garantir a segurança pública em sua cidade, era tesoureiro do Partido dos Trabalhadores. Por isso mesmo, sua festa não poderia ter tido outro tema. Com balões vermelhos, algumas bandeiras e um bolo muito espirituoso, seu aniversário teve como tema o partido e sua figura mais notória, o ex-presidente Lula.

Marcelo e sua família não contavam, porém, que seu vizinho, o policial penal Jorge José da Rocha Guaranho, seria capaz de tamanha violência. Documentos entregues à justiça do Paraná – que

foram divulgados pela mídia – e as imagens de circuito interno, revelaram que Jorge chega com sua família, de carro, e uma aparente discussão tem início. Os documentos afirmam que o policial, numa clara afronta ao posicionamento e escolha política de Marcelo, colocou o jingle de apoio ao presidente Bolsonaro. Neste momento, ele saca um revólver e os ânimos ficam à flor da pele.

Uma mulher se aproxima e pede calma. Afinal, havia uma criança no carro presenciando tudo e numa sociedade civil organizada, as pessoas não saem apontando armas umas às outras.

Jorge decide ir embora, mas testemunhas disseram à justiça que ele saiu anunciando seu retorno.

Após guardar o carro na garagem, ele de fato, retorna. Novamente, as testemunhas alegaram que

ele disse claramente “*aqui é Bolsonaro*” e que “*pt vai morrer tudo*” e então efetuou os disparos.

Marcelo, por ser guarda municipal, também tinha posse de arma e, agindo em legítima defesa, também disparou sua arma. Porém, perdeu sua vida.

Jorge foi atingido e hospitalizado. O Ministério Público apresentou denúncia contra ele e apontou motivos políticos como a motivação do crime. O motivo não foi aceito e a justiça considerou que o crime não poderia ser político pois nem dos envolvidos estava associado à alguma instituição política. O motivo, então, foi considerado fútil. Recentemente, a justiça negou o pedido de prisão domiciliar e Jorge segue no complexo médico penal em Pinhais, na região metropolitana de Curitiba.

Marcelo deixou esposa e quatro filhos.

O presidente Jair Bolsonaro se encontrou com o irmão de Marcelo, depois do fato. Inclusive, ele próprio admitiu que divulgou algumas informações inverídicas sobre o ocorrido. O filho de Marcelo ficou descontente com a decisão do tio e, em entrevistas, afirmou seu desejo em não utilizar a morte de seu pai como propaganda eleitoral.

Mas o principal desse homicídio é a violência exacerbada na qual o país se encontra. A morte virou trivial, corriqueira. A vida ficou banal, simplória, como se matar fosse a solução para qualquer discussãozinha boba.

A morte de Marcelo revela que as falas violentas e agressivas de Bolsonaro dão legitimidade aos seus apoiadores para serem violentas. Oras... Foi

o próprio Bolsonaro que gritou aos quatro ventos que a petralhada deveria ser fuzilada.

Bolsonaro é responsável por essas mortes, por essa escalada de violência. Seu discurso totalitário e agressivo precisa ser combatido judicialmente, afinal, ser presidente da República implica em responsabilidades. Se nós, cidadãos civis, temos deveres, além de direitos, é evidente que o presidente da República tem ainda mais deveres para com a sociedade, sobretudo devido ao cargo que ocupa.

A morte de Marcelo revela, ainda, que a polarização atingiu níveis preocupantes. Discordar de pontos de vistas políticos não é mais uma opção? O diálogo construtivo que se propõe à democracia precisa ser ponderado, vigiado, policiado por nós afim de evitar que sejamos as próximas vítimas?

Nos tornamos isso, vítimas de nossas escolhas políticas?

Se perdemos a possibilidade do diálogo, da discordância, então perdemos o principal pilar de sustentação da democracia. O velho conto da política, o conto de lados opostos, o conto de nós e eles, tem se tornado motivo de preocupação para integrantes de tribunais e da Suprema Corte. E não é para menos. Se um bolsonarista é capaz de matar devido ao tema de uma festa de aniversário, do que mais seriam capazes?

CAPÍTULO IX

O passado de Lula

Memória afetiva. Está claro que a estratégia de Lula para voltar ao Palácio do Planalto é pegar pesado no passado glorioso sobre o qual o Brasil se encontrou durante suas administrações. Embora inocentado pela justiça, Lula segue sendo atacado veementemente por seus adversários pelos escândalos de corrupção que assolaram os governos do PT e pela crise econômica que Dilma Rousseff não foi capaz de evitar.

Neste último ponto, em específico, Lula já deixou claro que não responde pelo governo de sua sucessora. “*Somos pessoas diferentes e tivemos governos diferentes*”, disse a William Bonner, em sua sabatina no Jornal Nacional, em 25 de agosto de 2022.

Inclusive, quando perguntado pelo apresentador sobre a ex-presidente, Lula respondeu que semanas atrás, num encontro que teve com a

companheira de partido, Dilma disse que “*se questionarem muito sobre meu governo, pode dizer a eles para me convidarem, pois do meu governo respondo eu*”.

Quanto aos ataques de corrupção, na bancada do Jornal Nacional, Lula pontuou e reiterou a decisão do STF que anulou todas as suas condenações, dadas evidências de parcialidade do ex-juiz Sérgio Moro, bem como a incompetência da vara de Curitiba para julgar ações de São Paulo. Entretanto, Lula não caiu no papo de Bolsonaro e no primeiro debate presidencial, promovido em *pool* pelas TVs Bandeirantes e Cultura, junto ao portal UOL e Folha de S.Paulo, se esquivou de rebater as críticas. Sua estratégia foi conversar com o eleitorado de baixa renda, maioria da população, e relembrar sobre a ascensão social que os mais pobres tiveram ao longo de sua administração.

“Foi no meu governo que fizemos isso”, “foi no meu governo que criamos aquilo”, “foi no meu governo que melhoramos aquela lei e as condições de vida para o pobre”.

Assim, Lula pontuou os avanços sociais que aconteceram de 2003 a 2006 no Brasil. Citou o Bolsa Família, a saída do Brasil do mapa da fome (que o presidente Jair Bolsonaro recolou), lembrou as universidades que criou e o aumento expressivo de jovens periféricos em cursos de graduação, os lucros gigantescos da Petrobras e claro, ressaltou que os escândalos de corrupção no seu governo apareceram devido a autonomia de órgãos investigativos, aparelhados durante o governo Bolsonaro.

Como disse William Bonner, Lula não deve nada à justiça e por isso mesmo, não perde tempo tentando explicar sobre sua prisão, considerada,

inclusive pela Organização das Nações Unidas, como política.

Quando questionado sobre seu plano de combate a corrupção, porém, se esquivou. Por um lado, é compreensível, mas serve de munição para os adversários, principalmente Jair Bolsonaro, que alegam a volta dos escândalos num eventual governo petista. Mas por outro, sua estratégia não é tão equivocada. Primeiro, a corrupção é uma erva daninha. Assim, colocou Marcelo, o cientista político e colega de trabalho - o qual já mencionei. *“A gente extirpa ela aqui, e brota outra ali. Por exemplo, sabe qual a diferença entre o mensalão e o orçamento secreto? No primeiro os tempos eram outros, não era tão moderno. iPhone não era moda e não existia pagamento por pix. A solução foi colocar dinheiro na cueca. Mas a lógica foi a mesma entre mensalão e orçamento secreto. Nesse último caso, o quantitativo financeiro foi muito maior”*, disse.

Outro escândalo de corrupção que visivelmente aconteceria durante a administração Bolsonaro seria na compra de vacinas pelo consórcio Covexin, que pretendia lucrar um dólar por cada dose de vacina comprada. O superfaturamento não se concretizou unicamente devido a CPI da Pandemia que trouxe à tona o contrato. Inclusive, Simone Tebet – que se lançaria candidata à presidência pelo MDB mais adiante – atuou como uma das mais contundentes inquisidoras da Comissão. Sua atuação é merecidamente louvável.

Lula não tem um plano detalhado de combate a corrupção, nem diz que, numa provável vitória, esta seria varrida de sua admiração, como propôs Bolsonaro em 2018. Isto ficou evidente para os analistas políticos, especialmente após a participação de Lula na sabatina realizada pela Rede Globo, durante o Jornal Nacional. Lula foi

sabatinado dia 25 de agosto, numa quinta-feira e quando perguntado sobre o tema, se esquivou de responder diretamente e apenas reiterou a autonomia investigativa em seus governos passados.

É quase impossível zerar com a corrupção de um país corrompido em sua própria natureza. Veja, Brasil é um país onde – Não todos – maioria da população tenta burlar coisas simples. Furam a fila do mercado, jogam o lixo pela janela do veículo, ensinam os filhos a sonegar impostos. O parlamento nada mais é que um espelho superdimensionado da sociedade. A própria eleição por cabos eleitorais, como votar em alguém porque é de sua igreja, ou para favorecer um sobrinho funcionário público já corrompe uma eleição, pois a escolha não é sincera, preocupada com o bem comum, mas com interesses privados. Buarque de Holanda, em Raízes do Brasil, explana com exatidão a confusão, e vou além, a intromissão do privado no público.

Mas o fato de não detalhar um plano de combate a corrupção não significa, necessariamente, sua conivência com a prática. Até porque, não cabe a um presidente da República investigar nada. Seu papel é administrativo.

A função de investigar é da Polícia Federal e do Ministério Público e, nesse contexto, quem foi conivente com a corrupção foi Jair Bolsonaro, quando afirmou com todas as letras “*vou interferir*”, sobre mudança na direção da Polícia Federal que abriu investigação sobre a compra de uma mansão por seu filho Flávio Bolsonaro, o 01, avaliada em seis milhões de reais num bairro nobre de Brasília. Outras reportagens recentes (agosto de 2022) revelaram que a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) atrapalhou as investigações contra o filho 04, Jair Renan. Então, conclui-se que ao lembrar que em seu governo a Polícia Federal tinha autonomia e ressaltar que será novamente assim, Lula diz que

atuará sim no combate a corrupção, deixando agir livremente quem é responsável por investigar.

CAPÍTULO X

O problema Bolsonaro

Nem havia virado a esquina

quando já era perceptível e bastante audível a natureza de uma manifestação bolsonarista. Motos acelerando, buzinando, gritos de ordem e claro, o hino do Brasil sendo cantado fervorosamente por aquelas pessoas.

Assim que tive visão do aglomerado, nada me surpreendeu. Camisetas da seleção brasileira de futebol, ou roupas quaisquer nas cores verde, amarelo e azul. Bandeiras do Brasil amarradas na cintura, enroladas no pescoço ou por trás dos ombros, como capas de super-herói. O herói dessa galera toda, inclusive, é o presidente da República. O evento é outra motociata que reúne seguidores e apoiadores para um show de horrores.

Deveria ser bonito ver pessoas reunidas, em nome de nossa grande nação, empunhando nossa bandeira com orgulho. Afinal, para um país que

tanto sofreu sendo governado por militares autoritários e tiranos, em 21 anos de repressão, a democracia deveria ser nosso maior orgulho, nossa maior conquista. Mas a reunião a que se propõe essas pessoas, porém, é o oposto dessa conquista. O que pude observar, quando me disfarcei de bolsonarista e compareci ao evento, foram pessoas com desprezo pela democracia brasileira.

A começar, não tive coragem de me identificar livremente no evento. Fui a caráter. Coloquei uma bermuda branca, uma camiseta azul e segui para a manifestação a poucas quadras da minha casa. Assim que cheguei lá, um casal já conversava sobre os “*vagabundos da imprensa*” que faziam a cobertura do evento. “*Estão aqui para enganar o povinho, dizendo que ninguém compareceu*”, disse a mulher. O homem concordou com seu argumento. De cara, já fiquei em alerta. “*Jornalistas não são bem-vindos aqui*”, pensei. E

realmente, não há razões para ser. O presidente, aliás, é o principal responsável por ataques à imprensa. Ele próprio já atacou jornalistas reiteradas vezes, inclusive viria a atacar ao vivo, no primeiro debate presidencial, a jornalista Vera Magalhães.

Atento a este detalhe, não me identifiquei como jornalista e confesso que soltei alguns gritos de “*mito*” para me camuflar melhor entre o público.

A maioria eram homens, e entre eles a maioria eram brancos. Foi curioso observar o quantitativo de pessoas para um evento que ocorreu num dia útil. “*Nenhuma dessas pessoas foi trabalhar?*” Pensei... Como julgar não está em minhas atribuições, deixei de lado essa dúvida e fiquei atento ao que acontecia.

Era final de julho, o motivo da visita de Bolsonaro a Goiânia era devido a uma convenção do Partido Liberal (PL) – legenda do presidente no

pleito de 2022 - em Goiás. E claro que ele aproveitou a oportunidade para demonstrar sua força eleitoral, através do que ele próprio nomeou de "*data povo*" (em alusão e crítica às pesquisas Datafolha).

Logo avistei alguns cartazes golpistas, especialmente em pedidos de impeachment contra o ministro Alexandre de Moraes, mas, ainda, pedidos de intervenção militar com Bolsonaro no poder. Alguns ainda diziam que a derrota de Bolsonaro nas urnas só poderia indicar uma coisa: uma fraude descarada do TSE.

O evento também contou com algumas situações engraçadas (particularmente para mim). Sou de Goiânia, a capital de Goiás, no coração do centro-oeste (e do Brasil). Uma região dominada pelo agronegócio e, também, pelo sertanejo – não aquela sertanejo raiz, do sertão nordestino, mas o sertanejo musical, da música sertaneja – Por isso,

algumas pessoas têm o talento de tocar berrante (uma corneta feita de chifre de boi). Naquela tarde, uma mulher, alta, de cabelos negros, usando um chapéu de vaquejada, tocou seu berrante em meio a multidão. Não pude deixar de rir, afinal, os memes durante o governo Bolsonaro sempre aludiram os apoiadores do mandatário como “o gado”, especialmente pelo ditado popular que diz: onde o boi vai, as vacas vão atrás. Uma referência ao comportamento cego dos apoiadores de Bolsonaro, que não questionam os atos do mandatário, nunca o criticam e quando alguém o faz, é retalhado.

Assim que o presidente desembarcou em Goiânia e saiu das dependências do aeroporto, a multidão foi à loucura. “*BOLSONARO, BOLSONARO, BOLSONARO, BOLSONARO*” “*MITO, MITO, MITO, MITO, MITO, MITO*”. Era tudo que se podia ouvir. Após isso, saíram de moto pela cidade.

Foi um pouco estarrecedor observar de perto aquela cena. Não existem argumentos, não existe um discurso sólido e concreto que demonstre uma preocupação verdadeira com o país. Entretanto, quando as pessoas o veem, elas ficam num estado de euforia e agitação, que se torna incompreensível as razões pela qual surge tanto apoio. “*O que esse cara fez para ter apoiadores tão fervorosos?*” Era minha principal dúvida.

O comportamento de Bolsonaro, na verdade, não é nada parecido com o de outros chefes de Estado, tanto de outras nações quanto dos ex-presidentes do Brasil. O que mais se aproxima de seu perfil é, talvez, Fernando Collor. Este, que até hoje foi o homem mais jovem a comandar o Executivo Federal (tomou posse em 15 de março de 1990 aos 40 anos de idade), costumava passar os feriados e finais de semana na famosa residência de sua família, a casa da dinda, no lago norte de

Brasília. Não era incomum observar o ex-presidente andando de jetski pelo lago paranoá. Bolsonaro, também costuma dar seus passeios de moto aquática. Inclusive, já encostou na lancha de apoiadores e comeu um churrasquinho com eles.

O perfil de Bolsonaro se parece mais com uma celebridade. Sua primeira preocupação é com sua imagem. O exercício de presidente fica em segundo plano. O que ele busca é aplausos do vulgo. É um engrandecimento por uma parcela da sociedade. É quase como o pecado original de Lúcifer, que buscava uma superioridade em relação ao criador.

Mas apesar desse apoio extremamente sólido. Bolsonaro teve muitas debandadas ao longo de seu mandato. Irritou mercados e investidores, não trabalhou em conjunto dos governadores – ao contrário, atigou a população contra eles – durante

a pandemia e na alta do petróleo, foi desrespeitoso com ministros da mais alta corte, cedeu milhões a congressistas em troca de apoio, atacou jornalistas, enfim. Tudo colaborou para uma rejeição alta. Na casa de 51%, segundo pesquisa Datafolha publicada na segunda semana de agosto de 2022.

A maior rejeição entre os candidatos revela que o maior empecilho para a campanha de Bolsonaro é ele próprio. O contexto de 2018 não é o mesmo da eleição de 2022. Em parte, a agressividade de Bolsonaro contribuiu para sua vitória naquele ano. Afinal, a sociedade se encontrava num estado de revolta social, indignados com os reiterados escândalos de corrupção e Bolsonaro destilava seu ódio contra os corruptos e contra o centrão. Tudo não passou de uma mentira, claro. Mentira essa que ele próprio assumiu, em 22 de julho de 2022 que ele integrava o grupo [centrão] durante a maior parte de sua carreira política.

Houve, inclusive, desavenças na equipe de marketing sobre qual seria o tom da campanha deste ano. Os marqueteiros queriam um tom mais ameno, conciliatório. Já o filho, Carlos Bolsonaro, queria manter o estilo Bolsonaro contra todos.

É estranho terminar este capítulo com a notícia do falecimento da Rainha Elizabeth II, em 8 de setembro de 2022. Mas é um fato importante da história e, para quem achou que a vergonha brasileira não poderia aumentar, se enganou. Afinal, por sua relevância e como uma das monarquias mais resilientes de toda a história, popular, inclusive, entre os jovens até hoje em dia, a presença de chefes de Estado de todo o mundo era aguardada. Não foi diferente com o Brasil.

O problema, como sempre, é a irreverência de Bolsonaro e de seus apoiadores. Em 19 de

setembro, data do funeral, Bolsonaro estava em Londres acompanhado da primeira-dama, Michelle, e por mais bizarro e sem noção que seja, do pastor Silas Malafaia – o argumento utilizado pelo mandatário foi de que há um significado na morte, para os evangélicos. E sendo esta sua religião, ele achou plausível levar o pastor a cerimônia.

Mas o intuito de Bolsonaro, em Londres, não era prestar condolências a sua majestade. Longe disso, aliás.

Sua viagem foi uma campanha eleitoral no exterior. Apenas. E isso se confirmou, ainda, na noite anterior, quando Bolsonaro publicou em suas redes sociais um vídeo comparando o preço dos combustíveis.

No vídeo, Bolsonaro mostrou o valor do litro sendo vendido a £1,61 e que isso daria aproximadamente R\$9, comprovando, portanto, seu

argumento de que a gasolina brasileira é uma das mais baratas do mundo. Mas o mandatário não comenta, no vídeo, que o salário-mínimo inglês é de £1.520 (algo em torno de nove mil reais).

A comparação, além de simplória e esdrúxula, não levou em consideração o poder de compra. De fato, a gasolina fica bem onerosa se o valor for convertido para real diretamente. Porém, é preciso considerar que os ingleses recebem em libras e portanto, não chega a ser um valor tão alto assim.

E como de praxe em suas campanhas mais contundentes, mais ataques ao TSE e as urnas eletrônicas. A um pequeno grupo de apoiadores, na manhã do dia 19, Bolsonaro disse há algo de “*anormal*” no TSE, caso não ganhe em primeiro turno com 60% dos votos válidos

Esses mesmos apoiadores, foram mais motivo de vergonha. Atacaram jornalistas que cobriam a

visita de Bolsonaro a Inglaterra e, num certo ponto, um cidadão inglês (com motivos para tal) subiu o tom e exigiu respeito por parte dos brasileiros. Respeito pela rainha, por seu funeral e sobretudo, por seu país. Uma vergonha sem precedentes para o Brasil.

De lá, Bolsonaro seguiu direto para a cidade de Nova Iorque para a 22ª Assembleia Geral da ONU.

Na noite em que chegou, os protestos ganharam mais visibilidade que o próprio mandatário. Imagens com o rosto de Bolsonaro foram projetadas em vários prédios icônicos da cidade mais popular do mundo. Alguns o chamavam de mentiroso ou, ainda, o chamavam de vergonha mundial. Além de outros protestos em favor da Amazônia e do meio ambiente.

Na mesma noite, no Brasil, outra pesquisa Datafolha foi divulgada e, além de estagnado em 32%, Bolsonaro assistia ao seu principal adversário nessas eleições, Lula, com uma boa vantagem. Segundo interlocutores, além de cansado com a viagem, Bolsonaro se encontrava extremamente irritado com a pesquisa.

Por isso, a propósito, seu discurso no plenário principal da ONU não foi tão radical e extremista quanto os passados. Sua função em 2022 foi a de conversar com o eleitorado brasileiro e, na mesma linha de sua viagem a Londres, realizar uma propaganda eleitoral no exterior. E como sempre, com mentiras ou dados não tão esclarecidos.

O presidente começou explanando que não mediu esforços para combater a pandemia da Covid-19, o que claramente não é verdade. Como exposto em capítulos anteriores, ele atrasou a

compra de imunizantes, pregou contra o isolamento social e ainda zombou de quem morria asfixiado. Mesmo assim, ele falou sobre seus objetivos principais de socorrer famílias menos assistidas, amplos programas com produção nacional de vacinas (que só foi possível com apoio de nações amigas, como a China que forneceu insumos de produção). Atacou, ainda, seu adversário, Lula, a quem atribuiu responsabilidade pelos escândalos de corrupção (que Bolsonaro disse ter extirpado) e que Lula foi condenado em três instâncias.

O mandatário, porém, parece ter se esquecido que ofendeu a China e a responsabilizou pela crise sanitária. Deixou de mencionar, ainda, que a corrupção não desapareceu do Brasil e que ministros de seu governo, como Ricardo Salles e Milton Ribeiro, do meio-ambiente e da educação respectivamente, estão envolvidos em casos de corrupção. Ou ainda, a quase corrupção na compra

de vacinas, que só não foi efetivada por descoberta da CPI da Pandemia. Também não mencionou que a Suprema Corte anulou as condenações de Lula, num processo recheado de falhas processuais e um juiz parcial.

Bolsonaro ainda omitiu dados, quando se encheu de orgulho para afirmar que o Brasil é o sétimo país mais digitalizado do mundo. O dado, é verdadeiro segundo reconhecimento do Banco Mundial na primeira edição do Ranking GovTech Maturity Index 2020. Mas deixou de mencionar a desigualdade digital do Brasil. Segundo um estudo realizado pelo instituto de pesquisa locomotiva, em parceria com a consultoria PwC, que presta serviços de auditoria e asseguração, constatou-se que 33,9 milhões de brasileiros estão desconectados da internet e que mais 86,6 milhões não acessam a rede diariamente, os chamados sub-conectados. Então,

ou seja, 20% da população acima de 16 anos não tem acesso a internet.

Bolsonaro também discorreu sobre as “*abrangentes privatizações*” em seu governo. Lembre-se de que a privatização em massa para reduzir a dívida externa brasileira foi uma das promessas da campanha de 2018 e tinha como figura central o economista Paulo Guedes. Mas, após três anos e meio de governo, a quantidade de estatais que foram privatizadas é ínfima. Transportadora Associada de Gás (TAG), Companhia de Docas do Espírito Santo (Codesa) e a BR Distribuidora e Liquegás foram algumas das privatizações efetivadas, mas tantas outras de promessa, como a Petrobras, Correios, Dataprev, Telebras, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil, nunca saíram do papel. Algumas até saíram da lista de possíveis privatizações ao longo do governo.

Bolsonaro, aparentemente, não mentiu tanto como de costume. Porém, mascarou dados e escondeu outros, não foi sincero. A despeito dos investimentos, afirmou que o ambiente de negócios melhorou.

“Em 2021, o Brasil foi o quarto destino de investimentos estrangeiros diretos no mundo”, ele disse. De fato, segundo relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), publicado em abril de 2022 – Mas os dados do Brasil saíram atrasados devido à greve do Banco Central – aponta que o país ocupou essa posição no ranking. Mas outros dados, como os evidenciados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínuas (Pnad Contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que a posição privilegiada entre os investidores não foi suficiente para aliviar problemas econômicos internos. 11,9 milhões de pessoas seguiam

desempregadas até o primeiro trimestre de 2022. Aproximadamente 11% da população. O Mapa da Pobreza, realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), publicado em julho de 2022, evidencia, ainda, que 62,9 milhões de brasileiras e brasileiros vivem na linha da pobreza, recebendo até 497 reais mensais, sendo as regiões norte e nordeste as mais afetadas.

Em matéria de educação e meio ambiente, todavia, fabulou dados, inventou números, tapeou mesmo. Disse que dois terços da vegetação nativa brasileira segue intacta desde a chegada do colonizador e que 80% segue preservada. Estudo do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), divulgado em fevereiro de 2022, expôs um aumento de 56,6% no desmatamento entre agosto de 2018 e julho de 2021, em comparação com o mesmo período entre 2015 e 2018. Isto significa que durante a gestão de Bolsonaro, o desmatamento da

Floresta Amazônica foi mais da metade que em governos passados. A maioria desses desmatamentos ocorrem em terras pertencentes à União. O Relatório Anual de Desmatamento no Brasil (MapBiomas), de julho de 2022, concluiu, também, que a fala de Bolsonaro não é verdadeira. O Brasil já perdeu 42 mil km² de vegetação nativa. Isso é mais que cinco milhões de campos de futebol. Desse total, 16 mil km² foram devastados somente em 2021 – ano recorde de desmatamento na Amazônia. E infelizmente, ela não é a única a sofrer. O cerrado já perdeu 30% da sua vegetação nativa e a Caatinga, 7%.

Em educação, falou de “*pesados*” investimentos. Em março de 2022, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação anunciou o repasse de um bilhão de reais destinados a desenvolvimento na área. Quem vê dados isolados assim pode até pensar que o governo Bolsonaro é favorável à

ciência, pesquisa e educação. Mas um olhar mais profundo evidencia que de “*pesado*”, esses investimentos só têm pesado (no pior dos sentidos) ainda mais na vida do estudante que deseja concluir seus estudos.

Segundo levantamento da economista Fernanda De Negri, coordenadora do Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Brasil teve, em 2021, o menor índice de investimentos na área dos últimos 12 anos. Em agosto, às vésperas da eleição, o ministério da economia decidiu bloquear 328 milhões de reais para universidades públicas. Como se vê, o conceito de “*investimentos pesados*” para Jair Bolsonaro é um tanto vago e não reflete, com veracidade, a realidade.

Mas dentre todas essas estratégias de campanha, de pintar um Brasil que pelos dados de inúmeros instituições renomadas de análises quali e quantitativas não é real, Bolsonaro sabe que, para além dos evangélicos, outro grupo é essencial para garantir sua vitória. O voto feminino.

A pesquisa Pnad Contínua divulgada em julho de 2022 apontou que 51,1% da população brasileira é composta por mulheres. Aproximadamente 4,8 milhões a mais que a de homens. Outra pesquisa interessante é Genial/Quast, divulgada no fim de agosto de 2022, que revelou: 53% do eleitorado brasileiro é feminino.

Mauricio Moura é economista pela Universidade de São Paulo (USP) e CEO do instituto de pesquisa Idea. Em setembro ele foi o convidado no Podcast “O Assunto”, comandado pela jornalista Renata Lo Prete. Na ocasião, o tema

debatido foi o peso do voto feminino nessas eleições. No episódio, Maurício apontou que três pilares são fundamentais para compreender o movimento do voto feminino no pleito de 2022. Segundo ele, o primeiro diz respeito às pesquisas espontâneas, ou seja, aquelas onde o entrevistador não apresenta o nome dos candidatos. Nessas pesquisas, as mulheres são 15% mais indecisas que os homens.

O segundo diz respeito à diferença entre os dois candidatos. Entre homens, Lula e Bolsonaro aparecem praticamente empatados, mas entre as mulheres, porém, existe uma diferença entre eles de 10 ou 15% (variando de acordo com a pesquisa); E no caso, Lula sai na frente.

Em terceiro, Maurício apontou que o voto feminino é a maioria do chamado “voto arrependido”, isto é, pessoas que votaram em

Bolsonaro em 2018 mas se arrependeram e buscaram outras opções para este ano.

O economista chama atenção, ainda, para uma questão importante. Ele considera que não houve necessariamente um arrependimento pelo voto em Bolsonaro, mas uma decepção, especialmente sobre questões econômicas.

Uma pesquisa do Ipea revelou que de 1999 até 2018, o número de mulheres que comandam os domicílios brasileiros saltou 20 pontos percentuais. Foi de 25% para 45%, ou seja, quase metade dos lares brasileiros são comandados por mulheres. Nessa conjectura, é compreensível que a inflação de alimentos (A cesta básica em São Paulo apresentou um aumento de 23%) seja um dos motivos para explicar a alta rejeição de Bolsonaro entre elas. Na pesquisa estimulada, onde o entrevistador apresenta

o nome dos candidatos, Lula tinha 45% das intenções de voto contra 29% de Bolsonaro.

O grupo, todavia, não é homogêneo. Maurício explica que fatores como renda e escolaridade explicam esse fenômeno. A tendência é de que as mulheres mais pobres votem em Lula, em contrapartida ao voto feminino em Bolsonaro pelas mais ricas. O fator região também é um diferencial e, nesse contexto, as mulheres do sudeste tendem mais a votar em Bolsonaro que as mulheres do nordeste, mais favorável a Lula.

Por isso, talvez, uma das estratégias adotadas seja utilizar a primeira-dama, Michelle, como cabo eleitoral entre as mulheres.

Se tudo depender de Bolsonaro, vai por água abaixo. No sete de setembro de 2022, por exemplo, Michelle foi comparada com outras ex-primeiras damas. E para o presidente, o Brasil melhorou tanto

em sua gestão, que até a primeira-dama era uma princesa. Outras palavras chamam a atenção quando Bolsonaro elogia a primeira-dama e deixa no ar sua superioridade em relação a outras. “*Uma mulher de Deus, da família*”, disse Bolsonaro.

Essa frase revela que a estratégia de Bolsonaro é tentar aumentar seu engajamento entre as mulheres evangélicas a partir da figura de Michelle. Esse grupo, porém, já é consolidado como bolsonarista em sua ampla maioria. Então, ou seja, Michelle se comunica com os seus e apesar da estratégia de colocar uma mulher na campanha, ela não aparenta que será bem sucedida entre as mulheres não evangélicas, por exemplo.

Por isso outras mentiras são contadas, inclusive no palanque da ONU, quando Bolsonaro apresentou dados falaciosos sobre políticas públicas voltadas para as mulheres. Como dizer, por

exemplo, que o número de violências contra as mulheres diminuiu em seu governo. Contudo, segundo o relatório anual de segurança pública de 2022, quase todos os indicadores de violência contra mulher aumentaram. Os casos de feminicídio tiveram um aumento de quase 10% e os registros de ameaça aumentaram de 444 mil em 2019 para 597 mil em 2021.

Logo, dizer que o governo de Bolsonaro se preocupa demasiadamente com as mulheres, e promulgou mais de 70 normas (mas não diz quais foram elas) em defesa das mulheres é desrespeitoso com elas e é um outro tipo de violência. Pois subestima a inteligência da mulher de perceber claramente que a realidade não é como a pintada por Bolsonaro para conseguir votos.

CAPÍTULO XI

Os tabus do primeiro turno

O dia começou como outro qualquer. Os pássaros cantando e a luz que irradiava pela janela e coloria o quarto de azul devido a tonalidade celestial das cortinas.

Quando sai do quarto em direção a cozinha, para despertar e me reidratar com um copo de água gelada, já pude perceber a TV que anunciava as eleições presidenciais de 2022. O dia, naquele momento, logo perdeu sua mesmice. O primeiro turno havia chegado.

Na noite anterior, o cantor sertanejo e empresário Gustavo Lima, que é declaradamente Bolsonaroista, anunciou, em suas mídias sociais, a promoção “picanha mito” nos estabelecimentos de seu frigorífico. A promoção era simples, duas peças de picanha por R\$22 para quem chegasse vestido com a camiseta da seleção brasileira de futebol.

Para sentir o calor daquele dia - e me refiro não a temperatura demasiado elevada que fazia naquele domingo, mas a temperatura emotiva das pessoas - decidi aceitar um convite do meu amigo Juan que, apesar de votar em Ciro Gomes queria comprar as picanhas por um precinho camarada. Vesti minha camiseta da seleção, junto de minha irmã, Janaína e de Juan e partimos em direção ao frigorífico localizado na região sudeste da capital.

Chegando lá, fiquei estarecido. Não sei se pelo mar verde e amarelo que inundava o quarteirão ou se devido a percepção que uma análise daquele movimento revelava sobre o atual momento brasileiro.

As pessoas riam e brincavam na fila gigantesca. Diziam que brasileiro não podia ver uma promoção que logo corria e não importava quanto tempo ficaria em pé, debaixo do sol, sem água e sem

banheiro, para comprar um bom pedaço de carne, por um valor em conta.

Eu, por outro lado, só conseguia pensar no que as pessoas eram capazes de enfrentar para comprar um bom pedaço de carne por 22 reais.

“Esse valor não deveria ser padrão?” “Porque precisamos enfrentar essa situação, por causa de uma promoção?”. Dúvidas que transcorreram meu pensamento.

A resposta veio logo na sequência. Com a carne no preço que está, as pessoas não comem mais picanha como antigamente. Eu não como mais picanha como antigamente. Já não faço churrascos aos domingos como antigamente. Então é óbvio que as pessoas vão se sujeitar a essa prova de resistência. É uma picanha de 22 reais, num país as pessoas compram ossos e vísceras por metade desse valor.

O que se ouvia na fila, porém, não eram gritos de indignação pelo preço elevado da carne, mas uma exaltação ao Gustavo Lima, pela promoção e um estado de êxtase provocado pela expectativa de vitória do bolsonarismo nas urnas.

Havia, ainda, os raivosos que a cada três minutos faziam questão de insultar Lula e o governador de Goiás, Ronaldo Caiado. O candidato à reeleição para o governo do estado virou inimigo número um do Bolsonarismo em Goiás (tirando Lula da equação, claro).

O que pude perceber, ainda mais, são os efeitos nocivos de fake news e desinformação. A máquina de ódio do bolsonarismo é extremamente efetiva, capaz de mobilizar milhões com mentiras e ideias tortas.

No caso de Caiado, o ódio vem junto da atribuição a ele pelo alto número de mortes por

Covid-19 no estado, numa afirmação de que o repasse federal para compra de respiradores e construção de hospitais de campanha foi surrupiado pelo governador, deixando milhares no desalento. E, também, de que o alto índice de desemprego e alta dos combustíveis é fruto da má gestão do Palácio das Esmeraldas (Sede do governo goiano).

Mas o ódio surge repentinamente, contra um desconhecido. Um ódio gratuito, que surge a partir do momento onde é dito algo que contraria, por mais banal e fútil que seja essa contrariedade.

Após horas na fila, quando o arrependimento já era uma realidade para mim e minha irmã, decidimos caminhar pelo setor na expectativa de que ao retornar, a fila já tivesse andado pelo menos um quilômetro.

Nesse meio tempo, entramos numa escola para beber uma água, ir ao banheiro e eu, claro,

aproveitei para sondar as movimentações. Tudo estava calmo, cada um no seu canto. Havia pessoas de todos os tipos. Mulheres e homens, negros e brancos, altos e baixos, vestidos de vermelho, com a camisa do Brasil ou com roupas neutras. Todos exercendo suas cidadania, seus papéis democráticos.

Quando voltamos à fila, foi decepcionante observar que poucos metros haviam sido caminhados. Nesse momento, um homem passou carregando sacolas de carne e disse que a promoção era boa demais, que havia muitas carnes e o preço era o melhor de tudo. A notícia foi uma injeção de ânimo para aqueles que, como nós, estavam na fila a pelo menos duas horas.

Logo depois, não mais que dez minutos depois, uma mulher passou e, diferente do homem, suas mãos estavam abanando e seu discurso não era nem de perto animador.

Ela estava revoltada, indignada com a situação. Preocupada com os outros, ela fez um alerta para quem estava na fila.

“Isso aqui é enganação. Eles estão deixando entrar de dez em dez pessoas e, quando entram, ficam passeando lá dentro”, disse a mulher.

Mais uma vez, a mulher avisou: *“Vocês vão ficar horas aqui e não vão conseguir comprar”*

Nesse momento, uma mulher atrás de mim, na fila, não conteve a irritação e destilou seu ódio contra a mulher, que percebendo a situação se apressou para ir embora.

“Sua petista. Você tá disfarçada. Vá embora daqui antes que eu te bata, vá embora, vá embora. Vá comprar carne cara no mercado então, deixa a fila que quem quer promoção tem que esperar mesmo”,

disse a segunda mulher, num tom raivoso e agressivo.

Isso me assustou, pois não esperava que alguém pudesse ser tão agressivo com um anúncio que convenhamos, não era tão ruim e surpreso de ouvir. Mas para a mulher atrás de mim, foi o suficiente para expulsar aos berros a outra. E com ofensas totalmente descabidas. Ser petista é ofensa? para a maioria dos bolsosminions, sim.

A notícia de que entravam dez clientes por vez foi confirmada, logo na sequência, com as notícias que viralizaram do tumulto que ocorreu na outra unidade do frigorífico, que também estava com a promoção. O empurra-empurra quebrou portas de vidro, detectores de furto e machucou pessoas. Inclusive, uma mulher de meia idade morreu.

Por volta de 12h, quando a preocupação já era para voltar e votar, sirenes da polícia invadiram o ambiente. Eu corri para a ponta da fila, pois sabia que algo maior estava para acontecer.

E de fato, aconteceu.

Para indignação dos fregueses (e talvez para o próprio Gustavo Lima), a justiça eleitoral configurou a promoção como crime eleitoral e determinou o fechamento imediato do frigorífico.

Além disso, cerca de 60kg de carne que estavam sendo comercializados estavam impróprios para o consumo e aumentou, ainda mais, a multa para o estabelecimento.

Voltamos para casa sem carne e, no caminho, parei em minha zona eleitoral e pude votar, por volta de 13h da tarde.

Claro que no traslado, eu pude tirar a camiseta do brasil e votar num tom mais neutro.

A tarde foi se findando e a ansiedade pela apuração foi tomando lugar.

Em Goiânia, um dos meus lugares favoritos para distrair e curtir o rolê é o Shiva Alt-Bar, um pub alternativo na região sul de Goiânia. E na noite da eleição, eles fizeram “a festa da apuração”, com telão transmitindo simultaneamente a contagem de votos. Lá, seria o nosso destino.

Fui acompanhado da minha irmã Janaína e do nosso amigo Juan. Nossa amiga, Beatriz, se uniu a nós e além deles, minha irmã ainda convidou as amigas Larissa, Amanda, Giovana e Karen para completar a festa.

Assim que os primeiros boletins foram divulgados (As urnas do DF), Bolsonaro saiu na

frente. Juan, o mais emotivo do grupo, logo começou a se lamentar. “*Bolsonaro tá ganhando velho... E agora?*”, ele perguntou. Minha irmã, mais racional, o fez cair na real. “*Juan, são 17h28. A apuração acabou de começar. o,89% das urnas foram apuradas e todas no DF, é óbvio que o Bolsonaro ia largar na frente. Calma*” disse ela duramente.

Giovana, por outro lado, tinha muita calma e sempre que atualizava o boletim de apuração em seu celular, pontuava que Bolsonaro seguia na frente mas reiterava que um número ínfimo de urnas haviam sido apuradas.

E assim a noite foi adentrando. Já naquela hora, o bar estava comercializando cerveja e petisco e uma verdadeira festa foi se iniciando. Por volta de 19h da noite, o recinto estava lotado. As pessoas iam tomando a calçada e o recuo da rua. Todos vestidos de vermelho, ou com algum acessório ou adesivo

que remetesse a Lula ou ao PT, ou, ainda, contra o fascismo e #ForaBolsonaro.

Já nesse ponto, a disputa estava mais em aberto. Com quase 50% das urnas apuradas, a vantagem de Bolsonaro não era mais tão expressiva.

Voto a voto era comemorado pelas pessoas no Bar. A cada percentual a menos de Bolsonaro ou a cada percentual a mais de Lula era celebrado como um gol na final da copa do mundo.

Às 19h57, Lula tinha pouco menos de 1% de diferença de Bolsonaro. Cinco minutos depois, os gritos de apoio a Lula, as bandeiras do PT sendo erguidas no ar, balançando incessantemente de um lado para outro anunciavam a virada. Lula, com 37.265.102 votos, somava 45,74% dos votos válidos. Em segundo lugar, Bolsonaro com 37.074.784 votos somava 45,51% dos votos válidos. 70% das urnas haviam sido apuradas.

As pessoas saltitavam, se abraçavam...Ao som de risadas, o bar repleto de jovens a favor da cultura, da equidade social e racial, os jovens homossexuais que buscam pelo direito de existir, as mulheres que lutam contra a violência e contra o machismo, todos celebravam a virada de Lula, que para eles, tinha o peso de um grande “*BASTA*” sendo dito à falta de políticas públicas do governo bolsonaro.

Alguns minutos depois, eu e as pessoas que nos acompanhavam começaram a fazer um bolão final do resultado. Minha irmã deu seu palpite de que Lula terminaria em primeiro lugar com 68,15% dos votos válidos. Juan, apostou que ele não passava de 67%. Eu apostei que ficaria algo em torno de 68,5%. Bia, apostou em 68,3%. No fim das contas, todos erraram. Com 100% das urnas apuradas. Bolsonaro vinha em segundo lugar com 51.072.345 votos, 43,2% dos votos válidos. Lula, em primeiro, contabilizava 58.259.504 votos, 48,4%.

Embora com uma diferença baixa, apenas 7.187.159 votos - para efeito de comparação, em 2018, no primeiro turno, a diferença entre Bolsonaro e o então candidato do PT, Fernando Haddad, foi 17.934.959 votos - Bolsonaro foi o primeiro presidente a concorrer à reeleição e, no primeiro turno, terminar em segundo lugar. E isso é motivo de preocupação para Bolsonaro e sua equipe, - ou deveria, pelo menos, ser - afinal, nem um presidente neste período de democracia plena conseguiu uma virada de segundo turno. Assim como nenhum presidente perdeu sua reeleição.

Este último tabu, aliás, deve deixar a equipe de Lula em alerta para o segundo turno, afinal, nenhum presidente perdeu sua reeleição e Bolsonaro, desde seu primeiro mandato, ainda como vereador, nunca perdeu uma eleição. Caso perca a recondução, seria a primeira derrota de Bolsonaro.

CAPÍTULO XII

Semanas de conturbação

As campanhas de segundo turno ganharam um tom grotesco. Além das propagandas, falaciosas e mentirosas, a coerção de apoiadores para com o resto do eleitorado e os atos terroristas de outros transformaram a corrida do segundo turno num alvoroço sem precedentes em nossa história.

Especialmente nas duas semanas que antecederam o pleito de 30 de outubro, os ânimos atingiram níveis estratosféricos, numa corrida que buscou a vitória no voto a voto.

No domingo de 16 de outubro, a Rede Band TV em conjunto com o Portal UOL, TV Cultura e o jornal Folha de S.Paulo promoveram o primeiro debate do segundo turno.

Lula começou bem, respondeu de maneira mais coesa, mais detalhada, com mais informações e

mais poder de convencimento para com o público. Claro, longe de ser aquele Lula de 2001, até porque sua idade já não é a mesma e seu ritmo tampouco.

Bolsonaro ficou na defensiva e se concentrou nos ataques de sempre, associando Lula a escândalos de corrupção - o que, em certa medida, é verdade - e atribuindo a ele números incoerentes com a realidade, como afirmar, por exemplo, que Lula teria desviado 900 bilhões de reais da petrobras e que isso teria influenciado na alta de preços que se deu durante a pandemia. Associou Lula a ditadores latinos, como Nicolas Maduro e Daniel Ortega - uma pedra no sapato para Lula.

Por outro lado, Bolsonaro não foi tão bem quando reiterou sua espécie de mensalão. Ao apontar uma lista de deputados do PT que receberam emendas do relator (o chamado orçamento secreto), ele disse: "*Eu jamais daria*

dinheiro para essa turma aqui, se eles não estivessem votando comigo". Logo, ele afirmou sua compra de votos, afinal o pagamento só vai para quem está *"comigo"*.

Em linhas gerais, Lula se saiu melhor pois conversou mais com o público, expôs pontos críticos do governo Bolsonaro, como lembrar o desastre governamental do presidente na gestão da crise sanitária provocada pela Covid-19.

No último bloco, porém, Lula começou a perder sua paciência e foi falando muito rápido e demasiadamente. No fim, Bolsonaro pode falar livremente por mais de cinco minutos, enquanto Lula precisou ouvir calado, com seu cronômetro zerado. Mas o mandatário não conseguiu aproveitar muito bem a vantagem, já que seu discurso é o mesmo desde que assumiu a presidência. Ou seja, conversou com os seus.

Lula perdeu, porém, um dos maiores trunfos naquela semana. Após decisão do TSE, o candidato do PT não pode sequer comentar sobre o clima pintado.

Aconte que na sexta-feira, 14, participando do podcast paparazzo rubro-negro, Bolsonaro relatou um episódio ocorrido em 2021, quando já era presidente. Na ocasião, durante um passeio de moto com apoiadores na região administrativa de Brasília, Bolsonaro passou por um grupo de adolescentes que lhe chamaram sua atenção, mas não pelos motivos certos.

Na live, o mandatário contou esse episódio:

“Parei a moto numa esquina, tirei o capacete e olhei umas menininhas, 3 ou 4, bonitas. De 13, 14 anos, arrumadinhas, num sábado, numa comunidade. E vi que eram meio parecidas. Então pintou um clima. Voltei e perguntei: posso entrar na tua casa? e entrei”.

Bolsonaro, um senhor de 67 anos de idade afirmando ter pintado um clima com adolescentes de 13 e 14 anos.

Não demorou muito para o assunto alcançar o posto de *trending topics* do Twitter e em outras mídias sociais. A maioria associando a fala do presidente a uma atitude pedófila e asquerosa. A oposição também aproveitou para fazer mais críticas e Lula com certeza utilizaria o tema no debate, se o TSE não o tivesse impedido por ordem judicial.

Mas o efeito da live foi tão nefasto para a campanha de Bolsonaro que seu desespero foi percebido ainda naquele dia, na madrugada de segunda-feira, quando o mandatário entrou ao vivo em seu canal para explicar a situação e afirmar que a frase foi tirada de contexto.

No fim das contas, as jovens eram refugiadas, que precisavam de auxílio do governo federal para

ter acesso a moradia e emprego digno e alimentação estável. Não um assédio moral e sexual. Mas Bolsonaro não se importa com a população verdadeiramente, como já deixou explícito em diversas ocasiões, como atrasar a compra de vacinas. Bolsonaro só pensa em si e na manutenção de seu poder.

Outro ponto que pegou mal para a campanha de reeleição do presidente foi o episódio de Damares Alves e da primeira-dama Michelle, em um evento religioso em Goiânia.

Depois de associar a princesa Frozen ao lesbianismo, Damares afirmou que durante uma visita a Ilha do Marajó, no estado do Pará, o governo tomou ciência de tráfico humano e exploração sexual envolvendo crianças e que “*os dentinhos deles eram arrancados para facilitar o sexo oral*”. Segundo a ministra, havia provas, com vídeos,

de recém- nascidos de oito dias sendo estuprados. Porém, isso só veio à tona na ocasião e mesmo sabendo que essas práticas criminosas estavam em curso, o ministério comandado por Damares nada fez para impedir. Ademais, se Bolsonaro tem a “*compreensão espiritual*” que a ministra atribuiu a ele, porque prevaricou em relação ao tema e nenhuma investigação ocorreu?

Lula, por outro lado, no dia 19 de outubro divulgou a tão falada (e esperada) carta aos evangélicos. Para um grupo de apoiadores, porém, a iniciativa foi tardia e não causou grande impacto.

No documento, Lula afirmou que durante os oito anos em que ocupou o palácio do alvorada, sempre manteve “*o mais absoluto respeito pelas liberdades coletivas e individuais, particularmente pela liberdade religiosa*”. Relembrou que durante sua gestão, assinou leis e decretos que reforçaram a

plena liberdade religiosa, destacou a reforma do código civil e a criação do dia nacional do evangélico e da marcha para Jesus. Assim, ele pontuou que mantém o mesmo respeito por esse grupo.

Sobre seu governo, caso eleito, Lula ressaltou seu compromisso com a vida, tido por ele como *“sagrada, obra das mãos do criador”* e que seu papel sempre será de proteção. Num aceno mais contundente aos evangélicos, ele disse: *“Sou pessoalmente contra o aborto e lembro a todos e todas que esse não é um tema a ser decidido pelo presidente da República, e sim pelo congresso nacional”*.

Ele terminou a carta dizendo que não há contradições entre cidadãos e cristãos quando o propósito é servir, buscando paz e entendimento.

Mas houve, ainda, uma enxurrada de fake news, sobretudo nos ambientes digitais. Agora não

mais restrita a grupos bolsonaristas. Foi até interessante observar como Bolsonaro e sua equipe lidaram com a situação, afinal ele provou do próprio veneno ou, como diria minha avó, o feitiço virou contra o feiticeiro.

Por muitos anos somente a massa bolsonarista produzia fake news em larga escala e com o alcance suficiente para mudar a opinião pública.

Como Bolsonaro não jogou limpo desde que foi eleito, alguns opositores decidiram dar o troco na mesma moeda. “*Se ele é desonesto com a gente, temos que ser desonestos com eles também*”, foi o que li de uma amiga que retweetou uma fake news associando Bolsonaro a rituais satânicos.

Outras associações religiosas também tomaram conta das mídias. Vídeos antigos de

Bolsonaro em um templo maçônico, ou montagens colocando o presidente em sabás bruxos.

Como a direita, entretanto, dominou por muito tempo o ambiente digital, e já conhece a metodologia e o discurso ideal para a efetividade das notícias falsas, a esquerda precisou de uma ampla rede de apoio para checar informações e apresentar os fatos verdadeiros. Nesse ponto, alguns influenciadores como Felipe Neto e a advogada e comentarista Gabriela Prioli fizeram um plantão singular, necessário, incansável e louvável.

Uma das mais fake news de mais repercussão foi a de Bolsonaro associando Lula ao tráfico após visita do candidato ao complexo do alemão.

Na ocasião, Lula usava um boné com as siglas CPX. A abreviação é da palavra complexo, em referência ao conjunto de comunidades na zona norte do Rio de Janeiro. O boné foi produzido pelo

ativista René Silva, de 27 anos. O jovem busca desmistificar preconceitos relacionados à favela e mostrar que a comunidade também tem comerciantes locais e é um polo social que precisa ser incluído nas políticas públicas.

A direita, porém, associou a sigla a grupos criminosos envolvidos no tráfico de narcóticos e ligou isso a um suposto plano de governo de Lula que pretende legalizar as drogas.

Inclusive, durante o debate da Band em conjunto com outros veículos, Bolsonaro disse que Lula subia no morro e tinha reuniões com chefes do tráfico e que nas fotos de Lula era possível observar o candidato ao lado de “*bandidos*”.

A fala foi rechaçada por várias entidades, que disseram que na favela há pessoas de bem, honestas, trabalhadores. Que a visão de Bolsonaro era preconceituosa e rasa.

Como resultado, várias celebridades, como Xuxa Meneghel e Caio Blat foram vistos usando os bonés CPX. Futuramente, em visita ao Brasil para receber título de cidadania, o piloto de fórmula 1 e campeão mundial, Lewis Hamilton, utilizou o boné com a sigla.

Os casos mais emblemáticos da violência bolsonarista, porém, vieram de dois apoiadores do presidente no Congresso Nacional. Um deles talvez não tenha mais tanta relevância, considerando que teve seu mandato cassado pelo conselho de ética da Câmara dos Deputados.

Roberto Jefferson, presidente nacional do PTB e ex-deputado federal, teve a prisão decretada em agosto de 2021 num inquérito que investigou atos contra o Estado democrático de direito. Na decisão, Jefferson foi proibido de sair de casa, receber visitas e, ainda, de usar as mídias sociais. Como é comum

em alguns bolsonaristas, Jefferson descumpriu as determinações judiciais. Em 22 de outubro de 2022, ele publicou um vídeo com ataques à ministra do Supremo, Cármen Lúcia. Ele a chamou de “bruxa”, “Carmen Lúcifer”, “protistuta” e “arrombada”.

Após o ocorrido, Alexandre de Moraes determinou a prisão imediata de Jefferson, uma vez que ele havia desobedecido a condição para prisão domiciliar.

Cumprindo ordens, policiais federais se dirigiram à casa do ex-deputado na manhã de domingo, 23, para efetuar a prisão. Ao chegarem lá, porém, foram recebidos com balas e granadas.

Jefferson, que já havia em outras oportunidades demonstrado sua posição favorável ao armamento da população, reiterando a fala de Bolsonaro que uma população armada jamais será escravizada, o ex-deputado mostrou o que um

“cidadão de bem, que luta pela liberdade” é capaz de fazer. Mais de 20 tiros de fuzis foram disparados e uma granada de uso restrito foi usada no atentado. Dois policiais ficaram feridos.

Além da barbárie, sete mil e setecentas munições foram apreendidas na casa do deputado cassado. Um número bastante elevado para quem defende armas sobre uma suposta “proteção à propriedade privada”.

O mais vexatório, porém, veio da própria negociação com os policiais. Foram oito horas de negociação até a rendição. Na conversa, estavam presentes o ex-presidenciável Padre Kelmon, figura caricata dessas eleições, que fez dobradinha com Bolsonaro e tirou Lula do sério durante os debates do primeiro turno, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres e o policial

federal Vinicius de Moura, atirador de elite visto como referência em operações táticas.

O que se observou, porém, foi uma conversa amigável e com tom de brincadeira, já que os participantes foram gravados aos risos. A cena não parecia condizer com a realidade de horas atrás. O policial, que foi recebido a tiros e teve colegas feridos, demonstrou o tratamento típico de brasileiros com autoridades políticas. O típico homem cordial.

Bolsonaro, quando foi informado que o episódio poderia prejudicá-lo na corrida presidencial, tratou de se desvencilhar de Jefferson o mais rápido possível. Mentiu, novamente, quando disse que o ex-deputado não era aliado de seu governo e pontuou, ainda, que não existia sequer um único retrato dos dois juntos, quando na

verdade não faltam registros do companheirismo entre eles.

Mais uma vez, Bolsonaro foi desmentido por milhões de usuários em todas as mídias sociais.

Outro episódio foi ainda mais estarrecedor para a campanha do mandatário, inclusive pela proximidade com o pleito.

A deputada federal Carla Zambelli, que ganhou protagonismo após a ruptura de Bolsonaro com Joice Hasselmann, e foi reconduzida para a câmara dos deputados, protagonizou a intolerância política dos bolsonaristas, a escalada de violência na sociedade brasileiras e os riscos da ampla circulação de armas pelo país.

Após um evento em apoio ao presidente, Zambelli caminhava pelas ruas de São Paulo, junto de outros apoiadores e seguranças, até que um

opositor de Jair Bolsonaro evidenciou seu posicionamento político. A partir daí deu início a um empurra empurra e o homem, na tentativa de se desvencilhar da situação, correu. Zambelli, indignada com as críticas do homem, foi para correr atrás e acabou caindo sozinha - como foi possível observar em vídeos que circularam nas redes.

No calor do momento, Zambelli acreditou ter sido empurrada pelo homem e nesse momento ela sacou uma arma de fogo e apontou para o homem. Ela o perseguiu por algumas esquinas e gritava “*deita no chão*”, se comportando como uma policial militar raivosa.

O homem correu e entrou numa lanchonete e a deputada o seguiu até o comércio. Lá, os ânimos se acalmaram. Mas o saldo que ficou foi uma perseguição desonesta e sem fundamentos que

expôs o que uma pessoa com arma na mão é capaz de fazer.

Zambelli foi denunciada no mesmo dia, mas devido a legislação eleitoral não pode ser presa, já que o episódio ocorreu no sábado anterior ao segundo turno, no dia 29.

Porém, uma resolução do TSE proibiu o porte de armas a partir de 24 horas antes da eleição e no dia do pleito. Zambelli, em entrevista, reiterou inclusive que desobedeceria deliberadamente a decisão judicial e afirmou que iria votar no dia seguinte armada.

Dias após a eleição, Zambelli fugiu para os Estados Unidos e alegou motivos pessoais. Entretanto, a veracidade dessa afirmação foi questionada.

Ambos os casos levantaram muita preocupação sobre a segurança durante a votação. Afinal, episódios nunca antes vivenciados pelos brasileiros se tornaram corriqueiros, constantes nos periódicos do Brasil.

Mais uma evidencia de que a intensa polarização política que tomou conta a partir de 2018 atingiu níveis estratosféricos e ocasionaram episódios de terrorismo político, onde a existência do outro não é uma alternativa, mas algo que precisa ser extirpado.

Valores nada democráticos e que sujam a imagem internacional do Brasil.

CAPÍTULO XIII

O terceiro mandato

Acordei por volta de 9h40, com foguetes estourando na rua. Logo que despertei ouvi pássaros cantando e a chuva leve que caía lá fora. “*Será um sinal de recomeço?*”, pensei.

E assim se passou o dia, nublado, chuvoso e a todo instante tomado por uma ansiedade incontrolável e indissolúvel. Por conta disso, não consegui almoçar no horário habitual, junto de meus pais e minha irmã. Ao invés disso, me delicieei num saboroso vinho chardonnay, safra 2015, que combinou bem com o clima ameno, fruto de um frente fria atípica para o mês de outubro, já quase novembro.

Por algum motivo, não fui votar pela manhã - apesar da imensa vontade que me deixava quase descontrolado. Então, tentei abstrair até chegar a hora.

Por volta de 12h, enquanto assistia a cobertura das eleições, chegou a notícia de operações da Polícia Rodoviária Federal em rodovias especialmente no nordeste (reduto eleitoral de Lula).

A notícia chegou com indignação e preocupação, afinal, pelos vídeos, pessoas estavam sendo impedidas de exercer sua cidadania devido uma instituição do Estado aparelhada por um governo de tendências fascistas. Além disso, no dia anterior, o presidente do TSE, ministro Alexandre de Moraes, havia proibido operações desse tipo.

A cada minuto que se passava, mais informações desse tipo eram noticiadas. A PRF montando barreiras nas rodovias, ônibus disponibilizados pelos municípios que deveriam levar indígenas até suas zonas eleitorais a fim de que pudessem votar e exercer sua cidadania, não

apareceram e carros adesivados com emblemas do PT ou do Lula parados nas ruas pelas polícias sem nenhum motivo aparente. Sérgio Moro já havia indicado, quando saiu do governo, que Bolsonaro tinha intenções de interferir em órgãos como a Polícia Federal e o fato ganhou dimensões relevantes e preocupantes durante e após as eleições.

Às 15h30, o portal de entretenimento Choquei, administrado por um goiano que vincula notícias de diversos portais, divulgou a informação de que o ministro Alexandre faria uma coletiva, algo de praxe em eleições. A reunião atrasou em alguns minutos mas logo se iniciou

Alexandre começou dizendo que as eleições estavam seguindo com calma e tranquilidade, sem longas filas e sem avarias expressivas nas urnas eletrônicas, portanto, com poucas substituições.

Pouco depois, comentou sobre as operações da PRF. Segundo ele, as barreiras foram montadas em caráter técnico e não político, baseados no código de trânsito com objetivo de aplicar multas ou reter veículos cujo funcionamento e a carcaça não atendam aos padrões de segurança. O ministro reiterou, porém, que nenhum veículo ficou retido nos postos e nenhum retornou ao seu local de origem e, portanto, os cidadãos seguiram até seus locais de votação, dispensando a necessidade de estender o horário de votação - algo que foi pedido pelos internautas nas mídias sociais.

O que se observou, no ambiente digital, foram posts dos usuários pedindo que deixassem o povo nordestino votar.

Logo após a coletiva, era hora de votar... Afinal, não aguentava mais esperar.

Às 16h sai de casa, faltando uma hora para o fim do pleito. Uma hora para que os brasileiros decidissem seu próximo governante.

De fato, ao chegar no meu colégio eleitoral, a informação do presidente do TSE se confirmou. O colégio estava vazio e sem filas. Tudo calmo e sereno.

Ao entrar na minha seção, numa conversa entre os mesários, eles apontaram sua preocupação em estender o horário de votação. Nunca ocupei esse posto, mas pelo desânimo deles e pelas expressões faciais, penso que deve ser uma função deveras cansativa.

Em Goiás, Ronaldo Caiado do União Brasil foi eleito no primeiro turno com pouco mais de 50% dos votos e por isso o segundo turno, aqui, foi apenas para o cargo de chefe do Executivo federal. Em segundos eu concluí minha escolha, ouvi o som

da urna e lancei ao universo que os bons ventos nos trouxessem de volta à normalidade.

Logo na sequência, fui com minha mãe até o colégio eleitoral dela, em outro setor não muito distante. Faltando pouco mais de 30 minutos para o fechamentos das seções eleitorais, ela entrou na sua seção e foi votar. O colégio em questão fica de frente a casa de meus avós. Meu avô, pastor e de idade avançada, é extremamente bolsonarista. Ele acredita piamente que os governos de Lula foram comunistas e reitera as falácias difundidas nessa eleição, sobre fechamento das igrejas caso o petista saia vitorioso do pleito. Eu confesso que estava de vermelho na ocasião, não porque sou petista e lulista, mas porque nessas eleições eu votei em favor da democracia, sobretudo.

Minha irmã, que também votou contra Bolsonaro, estava vestindo uma camiseta da seleção

feminina de futebol, embora estivesse com alguns adesivos de Lula pregado no peito. A diferença, porém, entre o tratamento que recebi e o que minha irmã recebeu foi perceptível.

Com ela, abraços e sorrisos. Comigo, nem um bom dia inicial e somente quando me despedi ele disse um “vá com Deus”, meio chocho e sem emoção, com um olhar vazio e distante.

Quando voltei para casa, fui tomado por um apetite voraz, afinal, eram quase 17h e eu sequer tinha comido um pão. Quando cheguei em casa pude, finalmente, almoçar. A ansiedade para votar havia dado uma trégua e assim que almocei e me refresquei num banho delicioso, o relógio marcou 17 horas. As seções foram fechadas. A apuração começaria. Aquela altura, o Brasil já havia escolhido um novo presidente.

A festa da apuração aconteceu em vários pontos de goiania. Os bolsonaristas se reuniram no parque Vaca Brava, um dos cartões postais mais icônicos da capital. Eu, minha irmã e nossos amigos fomos novamente para o Shiva Alt-Bar, onde acompanhamos a apuração do primeiro turno. No caminho, as ruas estavam movimentadas, com carros seguindo para todas as direções. E como a maioria do eleitorado goiano é bolsonarista, a maioria dos carros continham bandeiras do Brasil no capô, ou bandeirolas nas janelas ou, ainda, adesivos de Bolsonaro 22.

Chegamos no Shiva por volta de 18h, com quase 30% das urnas apuradas. Bolsonaro seguia na frente, mas por enquanto, ninguém esboçava grandes preocupações, já que no primeiro turno o mandatário saiu na frente.

A expectativa que foi criada na festa era sobre o momento da virada e o fim das apurações. Todos ali, porém, tinham muita convicção de que Lula seria eleito.

Primeiro, porque nunca houve uma virada presidencial de primeiro para segundo turno. Segundo, porque analistas políticos anunciaram que era um feito muito difícil para Bolsonaro se reeleger na atual conjuntura e, especialmente, por seu governo recheado de falhas, como na gestão da pandemia.

Giovana, nossa amiga que acompanhou a festa da apuração no primeiro turno, se reuniu novamente conosco no segundo e considerou que o pleito de 2022 se assimilava em vários pontos com o pleito de 2014, que deu a reeleição à ex-presidenta Dilma. Ela lembrou que Aécio ficou na frente por muito tempo, somente no fim Dilma virou e ganhou

com uma diferença de pouco mais de três milhões de votos.

A apuração foi seguindo e com o tempo Bolsonaro parou de crescer. A partir daí, Lula foi ganhando votos e sua porcentagem aumentando em detrimento da queda de Bolsonaro. A cada atualização, o percentual do mandatário caía um pouco e o de Lula subia.

Às 18h44, o momento mais aguardado da noite. A virada de Lula.

A partir daí, quem pensou que a tensão diminuiria se enganou. Ao contrário, cada minuto demorava uma apuração inteira. Cada voto a mais ou a menos fazia diferença. Cada milésimo de porcentagem era crucial.

Diferente do primeiro turno, os números foram subindo lentamente. Em alguns momentos,

havia o temor de que Bolsonaro pudesse ocupar novamente a dianteira. Tudo isso num contexto de fim da apuração, com a ampla maioria das urnas apuradas.

Pouco mais de uma hora depois, com 90% das urnas apuradas, Lula seguia na frente, embora sua diferença fosse menor que a do primeiro turno.

Devido a quantidade de pessoas reunidas no ambiente, a atualização em sites ou do aplicativo “boletim na mão” - disponibilizado pelo TSE para acompanhar o resultado - começaram a falhar, afinal a internet não comportava a quantidade de usuários ali.

A alternativa foi rotear os dados móveis de meu amigo Juan e logar o mais breve possível na transmissão ao vivo da Rede Globo através de seus streaming, a Globo Play.

Colocar na televisão aumentou ainda mais a ansiedade. Só o cargo de presidente me interessava, mas como o Brasil não se resume aos meus anseios, coube a Renata Lo Prete e William Bonner mostrar outros resultados, neste caso de governadores eleitos em segundo turno. O que não foi necessário em Goiás.

Às 19 horas e 57 minutos, o carde de Lula ficou azul. O Tribunal Superior Eleitoral havia, naquele momento, chancelado sua vitória.

Após quatros anos de inércia governamental, trabalhando pouco e para pouco, enquanto a massa voltava a passar fome e enfrentar combustíveis caros, uma inflação desenfreada, dólar nas alturas, e após muitas mortes na pandemia, Bolsonaro fora, finalmente, derrotado.

Foguetes romperam o ar. Pessoas se abraçaram chorando, gritando e cantando. A partir

daí, um coro tomou conta da rua abarrotada de eleitores do Lula. Todos cantando “*Olé olé olé olá, Lula Lula*” ou ainda, cantando o hit “*Tá na hora do Jair... Já ir embora*”.

Foram dias trevosos, sem alegria, sem esperança por vezes. Vimos o aparelhamento do Estado e das instituições. O protagonismo dos militares voltar a cena e assombrar nossa democracia. Vimos o congresso sem limites, pautando PEC de voto impresso e mergulhado nas farras orçamentárias. Vimos nosso querido Paulo Gustavo morrer asfixiado e, assim como ele, outros tantos mil.

Vimos a intolerância na sua forma mais crua e brutal. O ódio tomou conta das ruas de tal modo que nos questionamos o que havia de errado, ou se estávamos sozinhos. Vimos a Amazônia e o Cerrado sucumbindo ao fogo.

Mas agora demos a resposta. O bem venceu. O amor venceu o ódio, a democracia venceu o autoritarismo. Bolsonaro e tudo que ele representa foi derrotado por voto popular. 60.345.999 pessoas gritam um NÃO em alto e bom som as políticas nefastas de Bolsonaro.

Pela primeira vez desde a redemocratização, um candidato tentando a reeleição não foi reconduzido ao cargo de presidente. Pela primeira vez em quase 30 anos de vida política, Bolsonaro experimentou o sabor da derrota.

E pela primeira vez um candidato assumiu, por voto popular, um terceiro mandato.

A noite de 30 de outubro foi mesmo histórica.

CAPÍTULO XIV

O que ele é capaz

Foram 50,90% dos votos válidos

que garantiram a vitória de Lula. Esse percentual, todavia, foi o menor em nossa história recente. Pouco mais de 2 milhões de votos definiram vencedor e perdedor.

Esses números evidenciam, sobretudo, a intensa polarização do Brasil. Somos um país rachado, dividido ao meio.

Pouco depois que o TSE confirmou a vitória de Lula, o então presidente eleito, ainda no hotel onde acompanhou a apuração junto de sua equipe, em São Paulo, fez seu primeiro discurso à nação.

Seu tom foi conciliatório. Disse que será o presidente de todos e não somente para aqueles que votaram nele. Reafirmou seu compromisso com a vida e seu plano para acabar com a fome. Condenou

o uso de armas pela população e reiterou que o caminho será longo e difícil.

Bolsonaristas, por outro lado, foram para casa com o amargo sentimento de derrota.

No dia seguinte, porém, o que se viu logo pela manhã foram estradas fechadas em todo o Brasil. A derrota não foi aceita tão facilmente e até a data em que escrevo esse artigo, nove dias após o resultado das eleições, alguns grupos seguem fazendo manifestações na porta dos quartéis pelas capitais brasileiras.

Os movimentos antidemocráticos apontam fraudes, embora nenhuma prova tenha sido apresentada. As rodovias bloqueadas foram um tumulto à parte. Idosos perderam consultas médicas, estudantes perderam aula, turistas perderam seus voos e até um coração se perdeu e o paciente que aguardava o transplante precisou receber a notícia

de que o procedimento tão aguardado não seria realizado. No sul, especialmente em Santa Catarina, faltou combustível. E há, ainda, as pessoas que não tinham compromissos importantes mas, ainda assim, ficaram presos no trânsito.

O ministro Alexandre de Moraes determinou a desobstrução das rodovias, mas os vídeos nas redes sociais mostravam que as polícias rodoviárias federais foram contaminadas pelo bolsonarismo e, ao invés de cumprir uma determinação judicial, compactuaram de diversas formas com os movimentos, seja na não aplicação de multas, uma das resoluções dadas por Moraes, ou no corpo mole para coibir o bloqueio.

Ao longo desses dias, cartazes com pedidos de “intervenção federal” - e não mais “militar” - era como uma credencial para participar do evento.

Todos trajados de verde e amarelo, na ampla maioria com camisetas da seleção.

Eles aguardavam o posicionamento de Bolsonaro, que não reconheceu a vitória de imediato e desapareceu do mapa. Na fantasia coletiva, líderes falavam em microfones que o presidente já sabia que isso aconteceria, mas para evitar um impedimento de sua reação, ele precisava esperar 72 horas.

O silêncio de 45 horas se quebrou, entretanto, com uma rápida fala aos jornalistas no Palácio do Alvorada. Em 2 minutos, Bolsonaro, de maneira muito subjetiva, reconheceu a derrota. Ele não parabenizou Lula pela vitória e agradeceu pelos 58 milhões de votos que recebeu. Disse, ainda, que as manifestações eram legítimas e frutos da indignação por uma eleição “*injusta*”. Mas pediu o desbloqueio das estradas e ressaltou que os métodos

da direita não podem se equiparar aos da esquerda, numa alusão a manifestações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que, em outras oportunidades, fecharam uma estrada aqui e outra ali - mas vale ressaltar, por motivos que estavam longe de flertar com o golpismo ou com reivindicações antidemocráticas.

Depois, foi a vez de Ciro Nogueira, Ministro chefe da Casa Civil fazer suas considerações. Talvez esse tenha sido o posicionamento mais importante, pois Nogueira deixou claro o reconhecimento do resultado quando disse que o presidente o havia autorizado a iniciar, quando solicitado, o processo de transição de governo e que a lei iria se cumprir no país.

A fala não foi, todavia, bem aceita pelos grupos bolsonaristas. Em alguns vídeos, os apoiadores chamaram Bolsonaro de “*traidor*”,

“fraco” e “incopetente”, e ressaltaram que não precisavam mais de seu “*mito*” para dar sequência aos atos golpistas.

O silêncio de Bolsonaro, como vários atos de seu governo, foi calculado e premeditado, algo metodológico, pensado para gerar o caos. Em certo sentido, deu certo, pois mesmo após o reconhecimento, grupos permanecem de frente aos quartéis suplicando intervenção do exército.

É evidente que a fala dúbia de Bolsonaro tem por objetivo, principalmente, livrar o mandatário de acusações judiciais, como ocorreu nos Estados Unidos e com Donald Trump. Bolsonaro tirou o alvo da sua testa, mas não jogou panos quentes nos manifestantes.

Agora, os grupos aguardam o relatório do exército sobre auditoria nas urnas e que, baseado no primeiro turno, não deve dar em nada.

Dia primeiro Luiz Inácio Lula da Silva tomará posse como 39º presidente da República Federativa do Brasil.

Num cenário político que, embora parece muito desfavorável, vem se apaziguando cada vez, com antigos aliados de Bolsonaro declarando apoio ao novo governo.

O centrão, que só estava pelo orçamento secreto, se mantém fiel às emendas e aparenta já ter encontrado um novo hospedeiro.

Os governadores, que se apoiaram na base bolsonarista, agora falam em trabalhar em conjunto pelo bem do Brasil.

Falta aos reacionários de plantão tomarem consciência da derrota e que as forças armadas não tomaram o poder para si, o que é inconstitucional e

nunca foi, objetivamente, pauta do alto comando do exército.

Ainda assim, o movimento evidencia duas situações muito importantes e relevantes para o contexto social.

A primeira diz respeito à dependência que o Brasil tem da malha rodoviária, uma herança maldita de Juscelino Kubitschek. Como observado nas manifestações do governo Temer, o fechamento de rodovias causa um prejuízo nacional sem medidas. É preciso que os futuros governos repensem a maneira do Brasil se locomover. Afinal, num país de dimensões continentais, um único meio de locomoção é pouco e defasado e, em momentos de crise social e política, o fechamento de rodovias afeta a todos, do pequeno ao grande produtor, do mais rico ao mais pobre cidadão.

A segunda diz respeito ao que o bolsonarismo é capaz. 58 milhões de brasileiros ainda compactuam das ideologias direitistas e, apesar do fiasco na pandemia, quase metade dos brasileiros ainda preferem Jair Bolsonaro do que Lula e o PT.

Lula, ademais, deverá se fortalecer no congresso nacional e estabelecer um governo de reconstrução nos campos econômicos e sociais a fim de evitar a volta de um governo com inclinação fascista.

Sua maior oposição, todavia, virá das ruas e por isso é fundamental que o PT deixe de lado o orgulho e costure acordos com todos os partidos possíveis e trabalhar por um Brasil forte economicamente, respeito internacionalmente e que funcione para os cidadãos que vivem aqui e, dessa forma, possam reverenciar a grandeza e a soberania

nacional, sem ódio, sem mentiras e sem intolerância, reconhecendo que não existem divisões social quando o assunto é política. Pois é preciso incluir uma sociedade multidiversificada nesta conta. Esse é o caminho para crescimento nacional e, por conseguinte, oportunidades para todos.

EM 30 DE OUTUBRO DE 2022, LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA FOI ELEITO COM 60.345.999 VOTOS PARA SEU TERCEIRO MANDATO. FOI O CANDIDATO MAIS BEM VOTADO NA HISTÓRIA DO BRASIL E O PRIMEIRO A COMANDAR O EXECUTIVO PELA TERCEIRA VEZ NUMA DECISÃO DEMOCRÁTICA.

BOLSONARISTAS SE MOSTRARAM FRUSTRADOS COM O RELATÓRIO DAS FORÇAS ARMADAS, DIVULGADO NO DIA 9 DE NOVEMBRO, QUE NÃO APONTOU NENHUMA FRAUDE NAS ELEIÇÕES.

ENTRETANTO, ELES SEGUEM COM SUAS MANIFESTAÇÕES ANTIDEMOCRÁTICAS. ENDOSSAM SÍMBOLOS NAZISTAS E PROTAGONIZAM UMA EXPLOSÃO DE

*GRUPOS ONLINES, COM AMPLA
DIVULGAÇÃO DE CONTEÚDOS ENGANOSOS.*

*DESDE A REDEMOCRATIZAÇÃO, É A
PRIMEIRA VEZ QUE O BRASIL VIVENCIA
MOVIMENTOS DESSA NATUREZA.*

*A DEMOCRACIA VENCEU, MAS É
PRECISO ESTAR ATENTO A FORÇA
DESTRUTIVA DA EXTREMA DIREITA.*